

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO**

Luís Henrique dos Santos Ramires

**PEQUENAS TRIVIALIDADES: CRÔNICAS SONORAS
DE PERSONAGENS URUGUAIANENSES**

Santa Maria, RS

2022

Luís Henrique dos Santos Ramires

**PEQUENAS TRIVIALIDADES: CRÔNICAS SONORAS DE
PERSONAGENS URUGUAIANENSES**

Projeto experimental apresentado ao
Curso de Jornalismo, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS),
como requisito para a obtenção do título
de **bacharel em Comunicação Social,
com habilitação em Jornalismo**

Orientador: Profº Drº Maicon Elias Kroth

Santa Maria, RS

2022

Luís Henrique dos Santos Ramires

**PEQUENAS TRIVIALIDADES: CRÔNICAS SONORAS DE
PERSONAGENS URUGUAIANENSE**

Projeto experimental apresentado ao
Curso de Jornalismo, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS),
como requisito para a obtenção do título
de **bacharel em Comunicação Social,
com habilitação em Jornalismo**

Prof. Dr. Maicon Elias Kroth (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Jornalista e Prof. Dr. Gilson Piber da Silva

Prof. Dr. Fabiano Maggioni(UFSM)

Santa Maria, RS

2022

RESUMO

PEQUENAS TRIVIALIDADES: CRÔNICAS SONORAS DE PERSONAGENS URUGUAIANENSES

AUTOR: Luís Henrique dos Santos Ramires

ORIENTADOR: Maicon Elias Kroth

Neste projeto experimental, buscou-se produzir três crônicas em formato sonoro sobre personagens uruguaianenses para serem postadas no Blog Pequenas Trivialidades. O objetivo é contar fatos históricos da cidade de Uruguaiana por meio de pequenos relatos jornalísticos. Nesse sentido, experimentou-se o uso de técnicas de storytelling para desenvolver a construção da narrativa. Assim, este projeto contribuiu para ampliar as possibilidades de exploração do personagem dentro da crônica, além de projetar possibilidades para a exploração da linguagem sonora dentro do gênero.

Palavras-chave: Jornalismo. Crônicas. Linguagem sonora. Storytelling.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1- Contagem de visualizações no Blogger.....	45
FIGURA 2- Identidade visual Pequenas Trivialidades.....	45
FIGURA 3-Capa para página do Facebook.....	46
FIGURA 4- Ilustração da primeira postagem.....	47

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	8
2.REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1. Uruguaiana	11
2.2 O Jornalismo Opinativo	13
2.2.1. História da Crônica	17
2.3. O que é a crônica atualmente?	18
2.4. A crônica em plataformas digitais	20
2.5. Storytelling	24
2.6. A linguagem sonora	27
3.DIÁRIO DO PROJETO	30
3.1 Processo de produção	30
3.1.1 Elaboração dos textos	31
3.1.2 Crônica 1- “O Sapateiro Italiano”	31
3.1.3 Crônica 2- “Barnabé Mendes”	33
3.1.4 Crônica 3- “Luiz Bettinelli”	35
3.2 Processo de Gravação	36
3.3 Processo de edição	38
3.3.1 Edição da crônica “O Sapateiro Italiano”	40
3.3.2 Edição da crônica “Barnabé Mendes”	41
3.3.3 Edição da crônica “Luiz Bettinelli”	42
3.4 Publicação e planejamento de divulgação	43
3.4.1 Blogger	43
3.4.1 Identidade visual	45
3.4.2 Divulgação	48
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	53

1.INTRODUÇÃO

O objetivo geral deste trabalho experimental é a criação de três crônicas em formato sonoro sobre personagens uruguaianenses. O intuito é exercitar a produção dentro desse gênero pouco explorado durante a graduação de jornalismo. A inspiração para a temática com foco em uma cidade é a obra “Retratos Londrinos”, de Charles Dickens. O *Blogger*¹ será utilizado como plataforma de hospedagem do conteúdo que comporá o produto experimental deste trabalho.

A partir desse objetivo, surgem questões para guiar a experimentação dentro do gênero, que são: Como as técnicas de *storytelling* podem ajudar a desenvolver os personagens dentro do formato da crônica jornalística? Como exercitar a consciência crítica a partir de fatos do cotidiano? Como explorar a ironia na construção de narrativas que estimulem a opinião dos leitores e provoquem a discussão?

Ao contrário do jornalismo noticioso, pautado na objetividade dos fatos, a crônica busca uma exploração mais subjetiva da linguagem, o que permite uma abordagem menos engessada da realidade. Nesse sentido, e, também, levando em consideração a estima pessoal pelo gênero, o trabalho de conclusão de curso surge como uma oportunidade para aprofundar os conhecimentos sobre ele, além de explorá-lo em conjunto com as técnicas oferecidas pelo *storytelling*, um recurso narrativo cada vez mais explorado pelo meios de comunicação, e tendo como subsídio temático a realidade local da cidade de Uruguaiana, incluindo a zona urbana e rural.

Na primeira parte, procurou-se abordar os conceitos do jornalismo opinativo, categoria na qual está inserida a crônica. Além disso, a opinião ou reflexão é uma das características do gênero que são exploradas no produto. Ademais, essas características fortalecem o elo de ligação entre a crônica e o jornalismo, uma vez que o gênero se encontra no limiar da fronteira com a literatura.

No tópico seguinte, há uma breve apresentação sobre o Charles Dickens cronista, pois ele foi a maior inspiração para esta experimentação. Em seguida, buscou-se elucidar o que era a crônica e como as definições sobre o gênero foram se desenvolvendo ao longo do tempo. Como o intuito é aplicar a técnica de

¹ Disponível em: <https://www.blogger.com/>

storytelling na construção dos personagens dentro das crônicas e expressá-las por meio da linguagem sonora, é fundamental conhecer a evolução do gênero, tanto para saber o que já foi tentado como para saber o que é possível experimentar.

Também, dedicou-se uma pequena parte do texto para considerações sobre o que é a crônica atualmente, independente da plataforma na qual é trabalhada. No tópico seguinte, há algumas considerações sobre o gênero no ambiente digital, que é a plataforma inerente a qualquer área do jornalismo praticado hoje em dia, pois abarca todas. Desse modo, é interessante lembrar que a crônica chegou a ser pensada como algo inseparável dos jornais impressos, haja vista que foi tal formato que moldou suas características. Todavia, depois de consolidada, o gênero ganhou independência da sua plataforma original, como atestam as coletâneas de crônicas publicadas em livros.

A penúltima parte do referencial teórico é dedicada aos aspectos teóricos do *storytelling*. Essa técnica, embora consagrada no audiovisual, pode ser usada em todos os campos da comunicação, incluindo o jornalismo, com o auxílio de técnicas que atuam sobre a narrativa ou sobre a estrutura ou sobre o personagem. No momento atual, em que a informação é ofertada em quantidade industrial, a forma como ela é narrada pode fazer a diferença perante o público, e ,devido a isso, o *storytelling* vem ganhando cada vez mais espaço.

Já a última parte do referencial teórico trata sobre a linguagem sonora, que é a principal linguagem trabalhada nesta experimentação. Algo importante de ser salientado é que a intenção não foi criar um podcast de crônicas, mas somente utilizar a linguagem sonora e explorar alguns dos recursos que ela oferece. Diante disso, são apresentados os conceitos sobre os principais elementos dessa linguagem, tais como a voz, o silêncio, a música e os efeitos sonoros. Conceitos sobre a criação de personagens usando, para isso, o som, bem como da recriação das cenas sonoras também são apresentados.

A escolha por elaborar um projeto experimental de conclusão de curso sobre crônicas se deve ao fato dela ser próxima à literatura. O autor desse projeto é leitor assíduo das narrativas do gênero, e tem apreço especial por Charles Dickens, conhecido mundialmente por suas obras de ficção, mas que, também, se dedicou à atividade jornalística. Dickens aborda lugares simples e pessoas desconhecidas de Londres, no livro "Retratos Londrinos", e de retalho em retalho constrói uma

realidade mais palpável e humanizada da cidade, algo que influenciou tanto na escolha da crônica como objeto de exploração deste projeto como na temática focada em uma cidade.

Além disso, a decisão de escolher a realidade local de Uruguaiana como fonte para a produção das crônicas teve ainda dois outros motivos: o primeiro é porque é a cidade onde o autor do projeto nasceu e foi criado; e o segundo foi a possibilidade de trazer aspectos históricos do município, algo que é facilmente esquecido em uma época em que as informações ficam perecíveis cada vez mais rápido, e relacioná-los com a realidade atual. As crônicas uruguaianenses, por isso, tentam ser uma descoberta tanto para quem se interessar em ouvi-las como para quem as escreve e produz, afinal o ato de criação é também um ato de descoberta permanente.

O nome “Pequenas Trivialidades” é inspirado na obra “Tremendas Trivialidades” de G.K. Chesterton, outro cronista de relevância mundial, mas que, neste trabalho serviu de inspiração apenas para o título do blog. Outro motivo para a escolha desse título foi o fato dele sintetizar uma característica particular da crônica, que é a atenção para as pequenas cenas do dia-a-dia, tão pequenas que, apesar de factuais, escapam, ou são simplesmente ignoradas, aos olhos do jornalismo pautados sobre os critérios da noticiabilidade.

Após o referencial teórico, segue-se a descrição de cada etapa da experimentação. Primeiro, ocorre a descrição das etapas de produção de cada uma das crônicas, que foi a elaboração dos textos. Em seguida, vem a explicação sobre o processo de gravação e de edição. Por último, são descritas as etapas de publicação e divulgação, incluindo a plataforma de hospedagem e a identidade visual.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

O intuito aqui é, primeiramente, mostrar o aspecto geral da cidade de Uruguaiana, que é o tema deste projeto experimental. Em seguida, são elencados os conceitos sobre o jornalismo opinativo, segmento no qual a crônica está inserida dentro do jornalismo. Depois, vem uma breve história do desenvolvimento da crônica, para que as mudanças que ocorreram durante o tempo e as características que moldaram o gênero, tornem-se evidentes. Há também uma parte dedicada aos conceitos atuais sobre a crônica, tanto em sentido geral, quanto especificamente para plataformas digitais. Para encerrar, serão apresentados conceitos sobre o *storytelling*, procurando responder o que é e o que pode acrescentar aos personagens dentro da crônica. Por último, vem a parte que trata sobre a linguagem sonora e seus elementos.

2.1. Uruguaiana

Uruguaiana é uma cidade situada no oeste do Estado do Rio Grande do Sul. Seu primeiro povoamento foi destruído por uma inundação em 1840. Em 1843, a vila foi recriada pelos farrapos, sendo a única cidade originada pelo movimento farroupilha. Formalmente, conquistou sua emancipação de Alegrete em 1846.

Em agosto de 1865, a cidade foi invadida pelas tropas do Coronel Estigarribia Lopes, durante a Guerra do Paraguai². Esses soldados, contudo, não avançaram no território do Brasil, uma vez que os exércitos do império cercaram a cidade, isolando os paraguaios. Sofrendo com doenças e famintos, os soldados do exército paraguaio, em setembro de 1865, se renderam sem lutar, fato este que pôs fim a tentativa de invasão do Paraguai ao Império Brasileiro.

Atualmente, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)³, a população estimada do município para o ano de 2021 era de 126.766 habitantes. Seu território é o terceiro maior do estado, com mais de cinco mil

² A Guerra do Paraguai foi um conflito armado ocorrido entre os anos de 1864 e 1870. Os países envolvidos foram Brasil, Argentina e Uruguai, que formaram a Tríplice Aliança para combater o Paraguai. A Guerra do Paraguai terminaria com a vitória da Tríplice Aliança.

³Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/uruguaiana/panorama>

quilômetros quadrados, uma área maior que a Cisjordânia, por exemplo. Faz fronteira com Itaqui, Alegrete e Barra do Quaraí, no Brasil, Paso de los Libres e Yapeyú, na Argentina, e Artigas, no Uruguai.

Há uma grande diversidade religiosa em Uruguiana. A maior parte da população se declara como Católica Apostólica Romana. Os evangélicos são o segundo maior grupo religioso do município. O terceiro maior grupo é formado pelos espíritas. Há também um significativo número de muçulmanos, em virtude da comunidade árabe-peleestina que se estabeleceu no município na segunda metade do século XX. As religiões afro-brasileiras também tem importante representação e seguem conquistando cada vez mais espaço na cidade.

Na economia, Uruguiana se destaca por ser a maior produtora de arroz do Brasil e por ter o segundo maior porto seco da América Latina. Sua localização está situada em um ponto equidistante em relação às cidades de Buenos Aires, Assunção, Montevideu e Porto Alegre, o que privilegia o comércio com o bloco Mercosul. Recentemente, o município passou a ser conhecido pelo turismo de compras, em virtude dos free shops⁴ que se estabeleceram.

Na infraestrutura, Uruguiana destaca-se por ser uma cidade planejada, com quadras padronizadas e calçadas largas. Mais de 90% das ruas são arborizadas. Os prédios mais antigos do município foram feitos em estilo neoclássico, incluindo a prefeitura municipal, o Clube Comercial, a Biblioteca e o Museu Municipal e a Catedral da cidade, a Catedral de Santana. Outros destaques arquitetônicos são a Igreja do Carmo, em estilo gótico, e a Ponte Internacional, que conecta Brasil e Argentina.

Na área da cultura, Uruguiana é conhecida por ser sede da Califórnia da Canção Nativa, o maior evento de música nativista do Estado. Outro atrativo cultural é o carnaval fora de época, com desfiles de escolas de samba que atraem artistas dos grandes carnavais de São Paulo e Rio de Janeiro, e que acontecem no mês de março.

A poesia também é um destaque da cidade, sendo berço de poetas como Galba de Paiva, Gonçalves Vianna, Alceu Wamosy, autor de um dos mais

⁴ Duty free, também conhecido como free shop, é uma loja que fica dentro de aeroportos internacionais ou em locais próximos a fronteiras, que pode vender produtos com isenção de impostos.

destacados sonetos da língua portuguesa, intitulado *Duas Almas*, e Luiz de Miranda, autor da obra poética mais extensa do mundo, com 3432 páginas. Os três primeiros foram artistas do século passado, enquanto que o último é contemporâneo.

Todos esses elementos, somados aos fatores históricos que formaram a cidade e acabaram por influenciar tanto no seu desenvolvimento quanto nos hábitos da população, oferecem uma grande variedade de temas e abordagens para serem examinados através da crônica. Mas antes, é preciso entender o que é esse gênero, o que ele se tornou e como pode ser trabalhado, e o primeiro passo é entender que ele é um gênero situado dentro do ramo do jornalismo opinativo.

2.2 O Jornalismo Opinativo

O jornalismo opinativo, da forma que conhecemos nos dias atuais, tem início na passagem do século XVII para o XVIII, mais precisamente no ano de 1702, quando o jornal inglês *The Daily Courant*, por intermédio de seu diretor Samuel Buckley, cria a divisão que marcaria a identidade da produção jornalística nos anos posteriores: o factual e o opinativo. Assim, o que era considerado puramente informação era publicado de maneira separada dos comentários pessoais, para que não houvesse contaminação dos fatos pela interpretação do jornalista.

Surgiram, então, as notícias orientadas pelos critérios da objetividade e da imparcialidade, e se, por um lado, é destacado o entendimento de que tais critérios não passam de guias para o jornalismo, uma vez que a interpretação pessoal dos acontecimentos jamais deixa de acompanhar cada ação dos jornalistas, por outro, são consideráveis os avanços no processo de apuração de informações, que resultaram em um jornalismo mais acurado. As notícias se desenvolveram e assumiram o protagonismo dos jornais, a ponto de serem encaradas como sinônimo de jornalismo.

O opinativo, por sua vez, embora ocupe menos espaço nos meios do que ocupara outrora - algumas poucas páginas em uma mídia impressa, por exemplo - nunca deixou de ser relevante. E, nesse tempo todo, modificou-se e ramificou-se, deixando de ser apenas político, como era o pioneiro *The Daily Courant*, para se fazer presente em todas as esferas da sociedade, refletindo desde os

acontecimento mais emblemáticos do século, até o que passa despercebido pela maioria das pessoas no dia-a-dia.

O jornalismo de opinião é, de acordo com Vallin e Schoenherr (2011, p.2), “o esforço de interpretar o que acontece, emitir juízos e tirar conclusões, com o intuito de provocar as ações dos leitores”. Portanto, para os autores, o gênero está atrelado à formação de opinião pública e ao agendamento de ideias que poderão se tornar senso comum.

Já para Melo (1985 apud Chaparro, 1998, p.107), a opinião é “uma mensagem determinada por variáveis controladas pela instituição jornalística e que pode assumir duas funções: a autoria (quem emite a opinião) e a angulação (perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião)”. A partir dessa perspectiva, Melo (1985 apud VALLIM E SCHOENHERR, 2011) divide o jornalismo opinativo em: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta e Crônica.

Dentro desse contexto, cada modalidade abarcada pelo gênero de opinião corresponde a uma finalidade específica. O editorial tem o propósito de emitir a opinião do veículo sobre os fatos de maior repercussão no momento; o comentário é semelhante ao editorial, porém é assinado individualmente; o artigo, por sua vez, não está restrito aos fatos e ao momento, podendo misturar fatos e ideias, pois o principal é a argumentação; a caricatura tem o intuito de se posicionar por meio da ilustração; a coluna transmite a opinião recorrendo à ironia e ao humor; as cartas eram responsáveis pela opinião do leitor em uma época pré-internet; já a crônica é o gênero que transita entre o factual e o subjetivo, pois a opinião aqui é utilizada para aguçar a imaginação do leitor e levantar discussões de modo mais sutil.

Ademais, o propósito das próximas páginas é aprofundar o conhecimento teórico sobre este gênero inserido dentro do jornalismo opinativo conhecido como crônica. Para isso será necessário entender como esse gênero se transformou ao longo da história, ou seja, o que era a crônica e o que é crônica atualmente.

2.2.1. História da Crônica

Charles Dickens, um dos maiores autores do século XIX, iniciou sua carreira escrevendo crônicas para jornais, mais especificamente para o *The Morning*

Chronicle e para o *The Evening Chronicle*. As crônicas escritas por ele, segundo Verona (2016, p.2), continham “relatos do cotidiano e das paróquias, uma observação da vida real, da rotina das ruas em Londres, de uma vizinhança cheia de preocupações com a vida alheia, retrato das condições sociais de sua época, dos costumes da burguesia vitoriana de classe média [...], de forma crítica e irônica”.

Algo importante de se destacar é o que a ironia significa dentro do gênero. Santana (2006, p.38 e 39) afirma que “na crônica, a ironia é a afirmação de algo diferente do que se queria comunicar”. Isso significa que as palavras são usadas como um disfarce para dizer o contrário do que significam literalmente. A autora afirma que, “quando um indivíduo usa de ironia, na maioria das vezes, não pretende ser aceito, mas compreendido e interpretado”.

Era com esse sentido que Dickens aplicava a ironia em suas crônicas. Ela era um recurso para tecer uma crítica social, principalmente em relação às diferenças de classes. Assim, uma marca do livro de crônicas “Retratos Londrinos”, é a habilidade de Dickens em usar do humor e da ironia “para descrever, com perfeição e detalhes, situações, cenas e personagens corriqueiros da cidade de Londres, o que fez com que os leitores da época se identificassem com a realidade descrita por ele”.(GOMES, 2017,p. 56).

Mas, para chegar nesse ponto, a crônica, enquanto gênero, passou por algumas modificações ao longo de sua trajetória, até ser explorada por Dickens. Além disso, ela não parou no tempo, e desde aquela época adquiriu novas facetas, algumas específicas a um país, como no caso brasileiro, e é sobre isso que tratam as próximas páginas deste tópico.

A história da crônica no Brasil tem início com a chegada dos portugueses em território brasileiro no século XV. Naquele tempo, os cronistas estavam preocupados em registrar os fatos, que eram delimitados pela própria observação de quem estava escrevendo (SANTANA, 2006).

A carta de Caminha é considerada a certidão de nascimento do Brasil e da crônica no País. O gênero tem estreita relação com o tempo, como denuncia a etimologia grega *khrónos*, cujo significado é tempo. Essa palavra originou a latina *chronica*, que designa um tipo de relato de acontecimentos históricos de grande importância (como a descoberta de um novo continente). Logo, o gênero, de início, surge como um relato que vincula o tempo e a memória.

Na crônica, permanece a ideia de registrar o ocorrido em um intervalo de tempo, de servir de memória do que já passou, e tal características marca os textos produzidos ao longo da história. Na idade média, os espanhóis e os portugueses, no período das circunavegações, faziam uso do gênero para relatarem os acontecimentos durante as viagens; assim, as crônicas serviam de registro de outras terras no novo mundo.(SIEBERT, 2014, p.676)

Todavia, esse caráter histórico da crônica logo foi se alterando e passou incorporar recursos típicos de narrativas literárias. Isso aconteceu em virtude do gênero ser, naquele tempo, utilizado como um instrumento a serviço do estado.

No medievo português, a crônica assume a função de resgatar a histórica do reino e de seus reis, com a historiografia que conhecemos hoje, só que com algumas diferenças: na necessidade de satisfazer a vontade do rei e cumprir sua função pedagógica e doutrinária à população, o cronista via-se escrevendo empolgantes narrações próximas da literatura ainda que fidedigna aos fatos. (COSSARI, 2004,p.2)

A mudança de público alvo impôs ao gênero uma necessidade de adaptação, o que foi feito a partir da absorção de recursos ofertados pela literatura, sem, contudo, abandonar suas características originais. Isso é atestado por Jorge de Sá (1987, p.7):

A crônica [...], conservou a marca de registro circunstancial feito por um narrador-repórter que relata um fato não mais a um só receptor privilegiado como El-Rei D. Manuel, porém a muitos que formam um público determinado.

A partir do século XVII, surge, primeiramente na Alemanha e na Inglaterra, o jornal impresso. Esse acontecimento acabaria por influenciar decisivamente no desenvolvimento e definição da crônica, cuja história passou a ser confundida com a do próprio jornalismo (LOPES, 2010).

O gênero passa a ser encarado como uma manifestação do jornalismo na literatura, que mescla os fatos do jornalismo com a subjetividade da literatura. Lopes (2010) afirma ainda que o inglês Joseph Addison e o irlandês Richard Steele, fundadores dos jornais literários *The Tatler* (1709) e *The Spectator* (1711), respectivamente, foram os responsáveis por consolidar qualidades literárias na crônica.

O tamanho sucinto do texto dos cronistas é outra marca delineada pelos jornais impressos, haja vista a limitação de espaço desse tipo de mídia.

Uma vez que uma página comporta várias matérias, o que impõe, a cada uma delas, um número restrito de linhas, obrigando o redator a explorar de maneira mais econômica possível o pequeno espaço que dispõe. É dessa economia que nasce sua riqueza estrutural (SÁ, 1987, p.8)

Já no século XIX, a crônica passou a ser conhecida como “folhetim”, nome esse que designava usualmente narrativas literárias, como contos e capítulos de romances, mas que, nesse caso, significava um espaço de rodapé na primeira página do jornal, com autor fixo (COSSARI, 2004).

É nesse momento que a subjetividade do autor, característica mais marcante da crônica nos dias atuais, começa a aparecer dentro do gênero. O cronista, então, passa a narrar aquilo que lhe era pertinente, tornando a subjetividade a principal característica da crônica, mas sem abandonar a influência do tempo, que agora “é aquele vivido também pelo cronista e dominado por suas impressões e expectativas” (SANTANA,2006, p.17).

Essas características são a brevidade da narrativa, pois a crônica deveria preencher somente aquela meia página destinada a ela, a reflexão do autor e, não obstante, o fato narrado devia partir do cotidiano, uma trivialidade que na maioria das vezes passaria despercebida, não fosse a crônica.

O bom exercício da crônica tem o dom de transformar um fato aparentemente banal em um motivo para grande meditação. Os pequenos acontecimentos do dia-a-dia são comuns a todos, muitas vezes, tão comuns que não são adequados a comemorações, nem têm porte para um romance, tensão suficiente para um conto e nem lirismo ou indagação para um poema. Surge assim, a inspiração para um jornalista-escritor, que relata os fatos do cotidiano ligando a outros acontecimentos e emitindo sua opinião a respeito. (COSSARI, 2004, p.2)

A partir de então, surgiram diversos tipos de crônicas, cada qual utilizando a técnica que era mais pertinente ao propósito de cada tipo. Nesse sentido, é importante, também, entender como o gênero passou a ser compreendido, considerando a diversidade de crônicas existentes, bem como o grande número de recursos literários que foram incorporados pelos cronistas.

Luiz Beltrão (1980) destaca que a crônica possui algumas classificações relacionadas à natureza do tema, como a crônica geral, que aborda assuntos

variados; a crônica urbana, que aborda temas cotidianos da cidade; a crônica especializada, que trata de temas específicos da sociedade. Outra classificação do autor está relacionada ao tratamento dado ao tema, que pode ser: analítico, no qual o tema é exposto e dissecado de modo breve e objetivo; sentimental, no qual o autor apela à sensibilidade do leitor; e satírico-humorística, a qual critica, ironiza ou ridiculariza fatos ou pessoas com a finalidade de advertir ou entreter o leitor.

Por sua vez, Coutinho (1967) classifica as crônicas em: crônica narrativa, que é focada na história e se aproxima do conto; crônica metafísica, que é construída a partir de reflexões de caráter filosófico sobre as pessoas; crônica-poema em prosa cujo conteúdo é lírico-, crônica-comentário dos acontecimentos, a qual reúne vários elementos diferentes e díspares.

Outros autores teceram classificações que, em essência, não diferem das apresentadas por Beltrão e Coutinho. Candido (1989) não tinha a pretensão de criar categorias, senão destacar as diferenças entre os modernos cronistas brasileiros, os quais, para ele, escreviam ou crônica-diálogo, ou crônica narrativa, ou crônica exposição-poética, ou crônica biográfica-lírica: na primeira, o cronista e o interlocutor imaginário se revezam na troca de informações e perspectivas; na segunda, tem estrutura de ficção, indo em direção ao conto; na terceira, ocorre a divagação sobre fatos ou personagens de maneira livre; na última, ocorre a narração da vida de alguém de forma poética.

2.3. O que é a crônica atualmente?

A autora Yolanda Tuzino (2009) situa a crônica como gênero opinativo entre o jornalismo e a literatura. Ela afirma que o gênero foi “perdendo sua característica inicial de relato cronológico, expandindo as possibilidades literárias”, e, também, que a crônica utiliza os fatos do dia-a-dia como pretexto para a construção narrativa.

Além disso, a autora salienta que o gênero entrou em recesso quando os veículos de imprensa deixaram de pertencer a uma só pessoa para tornarem-se empresas, pois isso condenou o teor intimista e pessoal dos jornais para dar espaço a narração objetiva dos fatos.

Já Edvaldo Pereira Lima (2009) destaca as possibilidades que a interseção entre o jornalismo e a literatura oferece para o gênero. Ele argumenta que a arte de

se contar histórias com primor literário, que procura retratar paisagens humanas e sociais com vigor, continua presente em ilhas de excelência narrativa, fiéis ao compromisso com a realidade que pede o jornalismo. Lima (2009) pontua que, a partir do Jornalismo Literário, técnicas narrativas de ficção foram absorvidas pelo jornalismo, criando o chamado jornalismo de não-ficção.

Foi dentro desse contexto que emergiram nomes como Truman Capote, Gay Talese e Tom Wolfe. Seus livros de reportagens utilizaram técnicas literárias para a elaboração narrativa, o que expandiu os horizontes da linguagem dentro do jornalismo. Capote, por exemplo, baseou-se em uma notícia de jornal, que estaria fadada ao esquecimento, para escrever “*A Sangue Frio*”, uma obra pioneira que mostrou para o mundo que a humanização literária dos fatos e dos personagens narrados pode transformar uma notícia datada em uma história para a posteridade.

No artigo “Aspectos da Crônica no Brasil: uma reflexão crítica”, o autor William Redmond apresenta uma definição em que a importância do relato passa a ser algo modesto, com o protagonismo incidindo sobre fatos triviais do dia-a-dia, que, acumulados, personificam o próprio tempo do cronista, dando ao gênero características mais íntimas:

A crônica, em seu sentido geral, é um breve comentário sobre algum fato do cotidiano. Trata-se de um gênero literário produzido para ser veiculado na imprensa, de finalidade utilitária, com o objetivo de agradar aos leitores dentro de um espaço de mesma localização. Poética ou irônica, seu motivo são os pequenos acontecimentos: a notícia em que ninguém prestou atenção, cenas do cotidiano, tudo o que é corriqueiro, criando-se, assim, no transcurso do tempo - dias, semanas - uma familiaridade entre o escritor e aqueles que o leem. (REDMOND, 2009, p. 134).

Na verdade, a partir do século XIX, o sentido original da crônica começou a mudar em diversos países, embora o aspecto temporal permaneça. Segundo Melo (2003), na Itália, ela significa algo próximo da reportagem; na França, o significado oscila entre reportagem setorial e colunismo; na Espanha, combina a notícia e o comentário. O processo de afastamento do gênero de seu sentido original também ocorreu no Brasil.

De fato, a crônica, em terras tupiniquins, traçou caminhos próprios, transformou-se em “relato poético do real”, com características tanto da literatura quanto do jornalismo. Pólvera(1975) afirma que as características do crônica

situam-se “no extravasamento do conto, do poema e do artigo de jornal”, e que essas “bases flutuantes” dificultam uma definição precisa do gênero.

Já para Marques de Melo (2003), a crônica, no Brasil, é um gênero plenamente definido, e designa uma composição breve, relacionada com a atualidade, publicada em jornal ou revista, assim sendo um gênero “eminentemente jornalístico”.

O cronista atua como mediador literário entre os fatos que estão acontecendo e a psicologia coletiva. É por isso que muitos cronistas buscam inspiração no próprio jornal. Realizam uma tradução livre da realidade principal, acrescentando ironia e humor à chatice do cotidiano, à dureza do dia-a-dia. (MELO, 2003, p.156).

O laço estreito entre o jornalismo e a literatura que acontece na crônica, no entanto, não foi capaz de evitar as taxações pejorativas atribuídas ao gênero pelos dois campos: no jornalismo, tentou-se estipular um prazo de validade para ela, qualificando-a como gênero efêmero, embora as coletâneas de autores como Rubem Braga, Machado de Assis e tantos outros estejam aí para provar a sua atemporalidade; na literatura, ela foi, muitas vezes, encarada como um gênero menor e superficial.

Entretanto, o fato é que a crônica proporciona aos jornalistas a possibilidade de fugir da fôrma tradicional, uma vez que, além dos fatos, utiliza elementos característicos da literatura, como a atenção a detalhes que muitas vezes são tomados por irrelevantes em uma perspectiva puramente informacional, mas que aumentam a experiência sensitiva do leitor. “A crônica [...], em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”. (CANDIDO, 1992, p.14).

Diante do exposto anteriormente, é necessário nas próximas páginas tratar do novo ambiente das crônicas: a *web*. O objetivo é apresentar alguns conceitos que incidem na comunicação digital e relacioná-los com a crônica para entender a dinâmica que o gênero enfrenta nesse ambiente.

2.4. A crônica em plataformas digitais

A internet mudou e vem mudando maneiras consolidadas de fazer as coisas em todas as áreas. Com as mídias de comunicação, isso não é diferente. O alcance global, a instantaneidade, a interatividade, bem como a capacidade de congregarem em si as características das mídias antecedentes criaram um ambiente que oferece novas formas de consumo e produção de conteúdo para o jornalismo: a comunicação digital.

Dentro desse contexto, é natural que ocorram ações de adaptação ao novo meio, algo que as plataformas de formatos tradicionais, como o jornal impresso, fizeram e ainda estão fazendo no meio virtual. Esse fato influencia diretamente a crônica cujas características foram moldadas em virtude das exigências e disponibilidades do espaço destinado a ela nos jornais impressos.

O público-alvo é outro fator de influência que o jornalismo na web alterou. A internet oferece mais liberdade ao cronista, que antes era pautado pelo interesse dos consumidores do meio de comunicação para o qual ele trabalhava, ou como afirma Sá (1987,p.8), “as crônicas eram dirigidas a classe que consumia o jornal que ela publicava”.

Não obstante, é comum que o texto escrito para impresso não seja adaptado, mas tão somente transcrito para a plataforma digital. Ocorre que a crônica, ao longo de toda a sua história, consolidou as definições que a tornam reconhecíveis enquanto gênero. Desse modo, é possível que ela seja publicada em um jornal, livro ou revista, em formato impresso ou digital, e seja reconhecida como uma crônica.

Consequentemente, é possível encarar o gênero como independente da forma na qual é publicado, o que permite explorá-lo em outros formatos. À vista disto, a proposta de um projeto experimental de elaboração de crônicas diretamente para plataforma digital traz consigo o dever de adaptação do gênero ao formato, pois como afirma Reis (2012), “cada meio tem uma linguagem própria que parte das suas características e particularidades.”

A essência da comunicação digital pode ser compreendida mediante o conceito de convergência, tal como foi elaborado por Henry Jenkins na obra “Cultura da Convergência”. A convergência, segundo Henry Jenkins (2015, p.30), é “o fluxo de conteúdos através de diversas plataformas de mídia”; é também “a cooperação entre múltiplos mercados midiáticos” e, não obstante, “o comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação”.

Para Jenkins(2015), a palavra convergência abrange em si diversos significados que definem a transformação tecnológica, mercadológica, cultural e social, a depender do emissor que está comunicando e do significado que ele está atribuindo. O principal ponto para o autor é que a convergência não é apenas um processo tecnológico, mas, em primeiro lugar, um processo cultural que compreende novas formas de relacionamento entre aqueles que produzem conteúdos midiáticos e aqueles que consomem esses conteúdos. Isso é possível em virtude da interação ser tanto entre as mídias quanto entre os usuários.

Outro conceito importante para o jornalismo praticado na rede é apresentado por Barbosa (2004), que afirma que o ambiente digital é caracterizado pela remediação, ou seja, a internet, depois de absorver as características dos outros meios, melhora elas em muitos aspectos, adicionando novos recursos.

A autora destaca que, na atual sociedade contemporânea, as tecnologias de informação e comunicação estão espalhadas por todo o mundo, embora ainda existam comunidades excluídas desse processo. Isso significa que o processo de adaptação a esses dispositivos foi superado, o que possibilita a “experimentação de novos formatos de produtos e narrativas, novos enfoques para conteúdos, bem como para sua apresentação e disponibilização”.(BARBOSA, 2004, p.2).

Dentro desse contexto, é importante ressaltar que a crônica foi um dos gêneros jornalísticos que mais se beneficiou com o desenvolvimento das mídias digitais. Sua essência textual foi facilmente adaptada na web e seu formato foi largamente explorado por milhões de sites e blogs ao redor do mundo. Segundo Garcia (2020), o início da crônica na internet pode ser tanto em 1994, quando o Jornal do Comércio passa a atuar de forma online, quanto 1995, quando o Jornal do Brasil chega na web.

Garcia (2020) também afirma que o segundo suporte na qual a crônica ganhou destaque online foi os emails. Como a internet ainda apresentava baixa velocidade de conexão, entre outros problemas, o *email* passou a ser uma alternativa mais eficiente de comunicação nesse meio, e dentro de um recorte temporal de dez anos (1995-2005) várias crônicas “tornaram-se fenômenos instantâneos por causa dos emails”.

O terceiro suporte online no qual a crônica ganhou projeção foi o *blog*. O destaque do gênero dentro deles foi tão grande que Garcia (2020) ressalta a criação

de um neologismo específico para esse tipo de produção: as blônicas, ou seja, crônicas escritas para serem publicadas em *blogs*. Atualmente, esse ainda é um suporte importante na divulgação do gênero, com a diferença que os blogs atuais passaram por evoluções e incorporaram os outros elementos da rede.

As redes sociais, como o *Instagram* e o *Facebook*, passaram também a ser suporte para o trabalho dos cronistas, além de servirem como meio de divulgação. Já o *youtube*, permite explorar o gênero por meio de vídeos, como faz o jornalista Fabrício Carpinejar no seu canal na plataforma. Outros exploram a crônica recorrendo ao som, como fazem os jornalistas da rádio Mec, com o quadro Memórias Rádio Mec, que vai ao ar todas às quintas e sextas-feiras, no Am e Fm, e dramatiza crônicas famosas de autores brasileiros.

Todas essas possibilidades de construção da crônica se dão em virtude de suas características mais marcantes, como a brevidade, a simplicidade e o relato pessoal de um fato. Sobre essas características, as crônicas incorporam diversas ferramentas expressivas em diferentes formatos, o que, embora não altere a sua essência, certamente modifica o seu significado perante o público.

Ademais, é fato que a produção de conteúdo para o ambiente online vem crescendo ano após ano. Bittencourt e Demori (2017) apresentam números cada vez mais expressivos de histórias postadas na rede, citando como exemplo o *Buzzfeed*⁵, que em 2012 publicou 914 posts e, quatro anos depois, esse número saltou para mais de 6 mil postagens. Isso mostra que, cada vez mais, é importante ter uma presença na web, e o primeiro passo para isso é a hospedagem.

Nesse sentido, considerando o intuito do projeto experimental, o suporte para desenvolvimento e publicação escolhido foi o *blogger*⁶, um *site* disponibiliza vários recursos para produtores e comunicadores, além ser uma plataforma projetada com a finalidade de abrigar o tipo de conteúdo que é objeto deste trabalho, e que ajudou a consolidar a trajetória da crônica na internet.

As crônicas, marcadas pelas características acima mencionadas ao longo do texto, são exploradas em diversas linguagens, dentre as quais a sonora. No contexto dos conteúdos midiáticos sonoros, pode-se citar como exemplo o Projeto

⁵ Disponível em: <https://buzzfeed.com.br/>

⁶ Disponível em: <https://www.blogger.com/about/?bpli=1>

Humanos⁷, um podcast que explora o *storytelling* e que afirma ser um documentário em formato de áudio distribuído pela internet.

Outro exemplo, é a minissérie em formato de podcast Praia dos Ossos⁸, produzido pela Rádio Novelo, uma produtora de podcasts baseada no Rio de Janeiro, e que também utiliza o *storytelling* para explorar a linguagem sonora e reconstruir, em oito episódios, o assassinato da socialite⁹ Angela Diniz. Esse podcast explora o gênero *True Crime*, que são narrativas sobre crimes reais produzidos fazendo uso de investigação jornalística, um formato que fez os *podcasts* tornarem-se muito populares nos Estados Unidos.

Em ambos os exemplos, é possível verificar diferentes formas de desenvolver narrativas sonoras e embora as propostas desses podcasts sejam diferentes, sendo um mais subjetivo e intimista e o outro mais propriamente jornalístico, ambos apropriando-se do jornalismo narrativo, é possível identificar um recurso comum nos dois exemplos e que é algo que pode ser experimentado em outros formato: o *storytelling*.

Diante de tal cenário, o *storytelling* surge como uma das possibilidades de se experimentar criativamente a produção de texto jornalístico. Desse modo, é necessário entender o que ele é e o que ele pode agregar no objetivo desse projeto experimental, que é a produção de crônicas sonoras.

2.5. Storytelling

Como citado anteriormente, o *storytelling* vem ganhando cada vez mais espaço no jornalismo, embora seu uso já tenha acontecido no século passado a partir dos vanguardistas do *New Journalism*. O intuito desse tópico é conceituar o *storytelling* e apresentar qual a principal maneira que ele será utilizado neste projeto experimental.

A era digital, caracterizada, entre outros fatores, pela abundância de informação oferecida, remodelou as ordens das prioridades jornalísticas, dando destaque à forma como a mensagem é comunicada ao consumidor. Esse fato criou

⁷ Disponível em: <https://www.projetohumanos.com.br/cronicas/ph7/>

⁸ Disponível em: <https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/>

⁹ De acordo com o dicionário online de português, socialite é uma pessoa que faz parte de uma classe considerada alta de uma sociedade, uma pessoa que tem seu nome nas colunas sociais.

no jornalismo a necessidade encontrar novas formas de contar suas histórias, buscando ganhar a atenção em um ambiente com tantas outras histórias, e, uma vez que tenha a atenção do leitor, o mantenha interessado no conteúdo, pois basta um clique para mudar de conteúdo. É dentro desse contexto que o *storytelling* ganha espaço na comunicação.

O *storytelling*¹⁰ é definido como a atividade de escrever, contar ou ler histórias. Cunha e Mantello (2014, p.58) aprofundam um pouco mais esta definição:

O storytelling constitui uma técnica para narrar fatos como se fossem história. Ao enfatizar a narração e descrição, há um esforço em recriar cenas e personagens, tarefa estética de despertar sensações no consumidor de notícia, seja ela impressa ou audiovisual, para que ele se identifique com o relato e goste do texto jornalístico como apreciaria um texto mais elaborado, propriamente literário ou poético.

À vista disso, esta técnica consiste em criar histórias com o intuito de passar uma mensagem e que essa mensagem possa atingir um determinado objetivo. Não se trata de contar qualquer história, mas uma na qual cada elemento constituinte seja pensado para causar o impacto pretendido.

O uso do storytelling não é novo quando se pretende contar histórias e construir narrativas. No entanto, essa técnica tem se desenvolvido e construído suas próprias características para atender aos objetivos traçados de acordo com a área em que é utilizada. “(...) Trata-se de um recurso a que diferentes vertentes da comunicação recorrem para conquistar e fidelizar sua audiência.” (VIANA, 2020, p. 288).

Souza (2018, p.8) apresenta uma definição que segue essa linha de raciocínio, mas aplicado especificamente no caso do jornalismo. Para ele, o *storytelling*:

Corresponde a uma técnica narrativa que consiste basicamente em apropriar-se de discursos e ações para transformá-los em relatos. Uma vez aplicado ao jornalismo, esse termo de origem anglófona – que designa a prática sociocultural de contar histórias – refere-se à situação na qual o jornalista é o contador (teller) e o fato selecionado (story) é aquilo que será narrado.

Viana(2020, p.291) ao analisar narrativas sonoras, a partir da identificação do uso do *storytelling*, dá destaque para o efeito sinestésico na narrativa. A autora

¹⁰ Storytelling. In: Cambridge Dictionary: Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/>. Acesso em: 18/05/2022.

também salienta alguns pontos que podem ser entendidos como vislumbre estruturais no uso desta técnica:

O storytelling usado no jornalismo traz as características de humanização de narrativas, recorrendo ao encadeamento dos fatos voltado para o envolvimento de contar histórias, aliado à transmissão da informação. Como parte de sua estrutura, apontamos que o lead muitas vezes é substituído pela descrição da cena. No lugar de responder objetivamente às questões 'quem?', 'onde?', 'como?', 'quando?', 'por quê?', e 'o que?' prevalece a descrição sensorial e sinestésica.

Já para Magalhães (2013, p.29), a preocupação com quem consome a história vai além de oferecer elementos que intensifiquem a recriação mental do que está sendo contado. A autora afirma, em síntese, que:

O *storytelling* no mundo contemporâneo é uma forma de criar vínculos, processos de interação, laços entre sujeitos, que mostram seus tempos presentes, enfatizam seus passados, talvez procurando uma permanência nesta sociedade, para o futuro.

Lima(2014, p.122) oferece ainda mais especificidade, caracterizando técnicas ofertadas pelo *storytelling* que podem ser usadas no jornalismo, tais como a humanização da narrativa e a cena. A primeira se refere à abordagem dada às pessoas, pois se, no jornalismo convencional, elas são primordialmente fonte de informação, no *storytelling* são seres complexos pelo qual se busca a compreensão da realidade. O intuito é trabalhar as pessoas, ou personagens, de maneira sensível, para que estas causem no leitor “fenômenos de projeção e identificação”. A cena, por sua vez, tem o propósito de “conduzir o leitor simbolicamente para dentro dos ambientes que suas narrativas representam”, haja vista o perfil sensorial desse recurso, que busca estimular mentalmente a visão e a sinestesia.

O conceito referente à abordagem dada às pessoas pelo storytelling, apresentado no parágrafo acima, vai de encontro com a abordagem dada a elas na crônica, conforme explanado por SODRÉ (1986, p.97), que concebe suas conclusões ao tecer um comparativo entre a crônica e conto:

A questão dos personagens talvez seja o traço mais distintivo entre o conto e a crônica: no primeiro, são autônomos, (isto é, parecem ter vida própria), visem conflitos que às vezes são passados ao leitor através de monólogos interiores, e a história gira em torno deles; na crônica, os personagens são acidentes na narrativa, compõe um painel, atuam como figurantes. O narrador observa suas atitudes exteriores e flagra seus comportamentos

contraditórios, engraçados, mesquinhos ou, mesmo, trágico. Há ainda crônicas sem personagem, em que se registram impressões de ambiência ou se discutem questões polêmicas.

Para dar densidade aos personagens, o *storytelling*, de acordo com CUNHA e MANTELLO(2014, p.65) oferece duas técnicas específicas: o *side*, que são histórias paralelas; e a reprodução das falas, que funcionam como elemento de caracterização dos personagens. Ambos os recursos intensificam a relação do leitor-ouvinte com o que está sendo narrado. O *side* permite mostrar outras facetas do personagem que não estariam dentro da história caso a narrativa fosse totalmente linear, e as falas, quando reproduzidas de forma coloquial, constituem algo típico do mundo literário, que incrementa a imersão, uma vez que coloca o leitores-ouvintes diretamente na cena, como se estes estivessem participando da conversa.

Como o intuito utilizar o *storytelling* para “valorizar os personagens” (CUNHA e MANTELLO, 2014, p.65), as crônicas sonoras que constituem este projeto experimental fazem uso das técnicas de *storytelling* para a construção de personagens que ultrapassem o conceito que lhes foi designado por SODRÉ(1986).

Na sequência, será apresentada a última parte deste referencial teórico, a qual trata da linguagem que será explorada nas crônicas, a sonora. O intuito é apresentar sua definição e suas características e, dessa maneira, facilitar o entendimento sobre o que ela pode agregar no projeto.

2.6. A linguagem sonora

O primeiro fator que se deve salientar sobre a linguagem sonora é que ela não é sinônimo de gênero radiofônico. De acordo com Barros(2018, p.26-27), enquanto a última é “um tipo de mensagem que considera as expectativas e as vontades do público-alvo”, a primeira é “um elemento narrativo presente na humanidade e utilizado por diversas sociedades para transmitir os mitos e saberes”.

Soengas(2005) afirma que, no contexto da comunicação, a linguagem sonora é dividida entre discurso natural e discurso preparado. No primeiro, a comunicação acontece sem seguir pautas prévias, e isso torna o discurso mais espontâneo e com mais aspectos comunicativos, mas que, por outro lado, pode apresentar momentos

sem sentido e expressões desnecessárias. No segundo, o autor destaca que o discurso é guiado por esquemas que ajudam na orientação do conteúdo.

Freire e Lopez(2011) salientam que as estratégias discursivas mais populares dentro da linguagem sonora são o texto oralizado pela voz, o silêncio, a música e os efeitos sonoros. De acordo com os autores, esses elementos permitem reconstruir cenas para os ouvintes, pois os sons e ruídos presentes no dia-a-dia compõem o cotidiano e acabam por servir de referência para o público.

Contudo, é necessário pensar sobre o uso dessas características da linguagem sonora para explorar todas as potencialidades que ela concede. (Freire e Lopez, 2011). Nesse sentido, os autores destacam que o planejamento serve para selecionar e organizar os sons, para que eles não se convertam em ruídos incompreensíveis.

A voz, de acordo com De Souza e Vailati (2017, p.46), “é o melhor recurso para o entendimento claro e transmissão de informações quando comparado aos demais elementos sonoros”. Isso acontece porque a voz é, antes de ser um recurso da linguagem sonora, é uma característica humana.

Na construção das cenas sonoras, os autores elencam três elementos: a música, a entonação e os efeitos e/ou sons ambientes. O primeiro elemento, a música, é capaz de criar um vínculo emocional que pode fazer com que a informação dentro da narrativa adquira sentido, sendo que a harmonia e a melodia que ela apresenta devem ser escolhidas adequadamente para que a trilha complemente o texto oralizado. (Freire e Lopez,2011)

O segundo elemento, a entonação, permite que a narrativa seja entendida mediante perspectivas diferentes. Ademais, ela possibilita a aproximação entre o emissor e o ouvinte em diferentes níveis, e também serve para representar sensações.(Freire e Lopez, 2011).

O terceiro elemento, que são os efeitos sonoros e/ou sons ambientes, funcionam para construir a ambientação e descrição da narrativa. Eles também podem ser usados como elemento de conexão e ritmo. Outra possibilidade é usar os efeitos sonoros para ornamentação do texto, com intuito de dar leveza ao texto.(Freire e Lopez,2011).

Já o silêncio, segundo De Souza e Vailati (2017, p.46), é o elemento sonoro mais intrigante, os autores destacam que os componentes que formam a

expressividade do silêncio, que são as pausas e os intervalos, “podem expressar sentimentos, dúvidas e reflexão”. Todavia, para que tais efeitos sejam alcançados é necessário que esse elemento seja “usado de forma criteriosa”.

Dentro desse contexto, um aspecto a ser levado em consideração na hora de compor cenários sonoros é que a recriação mental da narrativa por meio do som é um esforço mental individual que pode, como também salientou Freire e Lopez (2011), não surtir o efeito desejado devido a diferença de repertório entre quem cria os cenários e quem os ouve. O som da chuva, por exemplo, pode ter um efeito positivo em alguém que vive em um lugar com secas prolongadas; já em pessoas que vivem em lugares assolados por enchentes, este efeito seria negativo.

Soengas (2005) destaca também a caracterização dos personagens nas narrativas sonoras, os quais, segundo ele, precisam ser construídos de forma cuidadosa, pois a falta de referência visual torna difícil para o ouvinte situá-los e defini-los. O autor salienta que as descrições verbais das características física e/ou psicológicas são necessárias para que os personagens sejam adequadamente percebidos pelos ouvintes. O intuito é, como afirma Menezes(2016), conduzir o ouvinte até cenários sonoros que criem paisagens que alimentem as imagens internas das pessoas.

A próxima etapa é apresentar a descrição do processo experimental realizado. Primeiramente, são explicados os processos de elaboração de cada uma das três crônicas. Em seguida, é descrito o processo de gravação das crônicas. Depois, o processo de edição delas. Por fim, é relatado a escolha da plataforma bem como as razões de cada escolha de personalização dentro dessa plataforma e, também, o processo de publicação.

3. DIÁRIO DO PROJETO

O Blog Pequenas Trivialidades surgiu com o objetivo de explorar o gênero crônica. A ideia surgiu em 2019, durante as atividades desenvolvidas em uma disciplina complementar de graduação, intitulada de jornalismo opinativo. Nesse mesmo ano, o autor deste projeto, foi até um sebo e comprou alguns livros de crônicas, mais especificamente a coleção “Para gostar de Ler”, da editora Ática, com textos selecionado de quatro autores: Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga. Depois de mais alguns livros, entre eles “Retratos Londrinos”, de Charles Dickens, a decisão de um trabalho de conclusão de curso relacionado à produção de crônicas já estava consolidado, mas só foi, de fato, ocorrer neste ano de 2022.

A princípio, o objetivo do projeto era publicar crônicas somente em formato textual, com periodicidade semanal na plataforma *medium*, que é específica para leitura e produção de texto. Entretanto, essa plataforma deixou de ser gratuita, com exceção de alguns recursos de uso básico, sendo este um empecilho para a personalização e, também, um limitador de público, pois mesmo que fosse adquirido algum dos planos da plataforma, seja ele mensal ou anual, os textos só seriam acessados por outros membros pagos, que não são o público-alvo deste projeto experimental.

Assim, a nova plataforma escolhida foi o *blogger*, cuja propriedade é da Google e que foi remodelada e atualizada pela empresa. De acordo com o site da própria empresa, o Blogger é um serviço destinado a comunicação e manifestações livres que acredita que pode ampliar a disponibilidade das informações, estimular o debate e possibilitar conexões entre as pessoas.

3.1 Processo de produção

A seguir serão apresentados os processos de produção dos textos de cada uma das três crônicas deste projeto experimental, e, também, o processo de gravação e o processo de edição delas. A última parte é dedicada ao processo publicação e de divulgação, o que inclui a personalização do *blogger*, a identidade visual e a divulgação feita em uma página no *Facebook*.

3.1.1 Elaboração dos textos

No que tange a elaboração de crônicas, cada escolha parte de uma perspectiva muito pessoal de quem as escreve. Após a decisão de elaborar crônicas sonoras com a temática geral uruguaianense, foi preciso decidir as temáticas específicas de cada crônica. O objetivo era que os temas específicos fossem uma espécie de fio condutor da história do personagem dentro da realidade uruguaianense.

Assim sendo, buscou-se escrever as crônicas misturando as experiências e histórias pessoais do autor, com notícias e fatos históricos de temática local. Para isso, os livros “No tempo da diligência e do lampião de rua”, de Daniel Fanti, e “Nossas estâncias, nossas histórias”, de Jorge Unamuzaga e Dagoberto Alvim, foram as principais fontes utilizadas. A internet foi usada em consultas mais específicas, geralmente, sobre termos antigos, ou para localização de certos lugares da cidade.

3.1.2 Crônica 1- “O Sapateiro Italiano”

Na primeira crônica, intitulada “O Sapateiro Italiano”, o objetivo foi unir aspectos da sociedade uruguaianense do passado que ainda estão em voga em Uruguaiana e, assim, construir uma relação entre o antes e o agora que pudesse ser compreendido como uma crítica a certos hábitos enraizados na população. Nesta crônica, a narrativa é organizada a partir do personagem principal, o sapateiro, no caso, e um problema principal, que é o saneamento básico, ou a falta dele.

O saneamento básico é um assunto sempre atual no município. Uruguaiana é uma das poucas cidades no Rio Grande do Sul que privatizou os serviços de água e esgoto. Segundo o site da concessionária BRK¹¹, atual responsável por esses

¹¹Disponível em: <https://www.brkambiental.com.br/uruguaiana/saneamento-muito-alem-do-basico-em-uruguaiana-ha-11-anos>

serviços, em 2011, o município tinha 8% de cobertura de tratamento de esgoto, e hoje esse número é de 96%.

A situação, de fato, melhorou. Os esgotos a céu aberto eram uma marca da cidade até pouco tempo. No entanto, as reclamações sobre os serviços continuam, principalmente sobre os valores da conta de água e esgoto, sobre as obras que parecem nunca terminar e estragam o asfaltamento das ruas e sobre o descarte de resíduos no Rio Uruguai.

No livro “No tempo das Diligências e dos Lampiões de Rua”, que reúne fatos e dados históricos de Uruguaiana, são apresentadas situações semelhantes sobre o saneamento da cidade no início do século passado. Isto serviu de inspiração para a criação da primeira crônica, que é um pequeno fragmento da vida do personagem conduzida através da questão do saneamento no município.

Outras informações apresentadas no livro, tais como o trabalho das benzedeadas, as epidemias no município, a resistência às vacinas e a imigração foram transformadas em situações da vida do personagem principal. O critério de seleção das informações na crônica “O sapateiro italiano” foi a relevância. Todos esses temas anteriormente citados ainda são, em essência, pautas de discussões entre os moradores atualmente.

Após selecionados os fatos e tendo definido a questão do saneamento como o fio condutor da narrativa da vida do sapateiro, a crônica foi planejada a partir da cena da carroça chegando na casa do sapateiro, que foi colhida do livro. A nacionalidade do sapateiro foi preservada com intuito de reforçar a questão dos estrangeiros na cidade, algo que não só é atual como é um fator de orgulho aos uruguaienses. O filho do sapateiro foi criado para que fosse inserida a situação das doenças e o costume de recorrer às benzedeadas. Os hábitos do sapateiro ilustram como nasciam os problemas de saneamento da época (e que permanecem até hoje).

Todos esses elementos foram organizados de um modo que o resultado fosse uma espécie de enredo focado na vida do personagem. Um enredo pressupõe que o personagem tenha objetivos e obstáculos a esses objetivos. Não há na crônica esses elementos, até porque uma das características da crônica é a falta de enredo, mas todos os elementos do texto, como as falas e os comentários

secundários, foram organizados em torno do personagem principal, semelhante a um enredo.

Como já foi dito no referencial teórico, o personagem dentro da crônica é historicamente algo de segunda importância, ou um figurante. Como o intuito era a criação de personagens mais densos, fez-se uso de recursos do *storytelling*. Um desses recursos foi apresentar personagens com características boas e ruins. Pode até haver uma característica preponderante, como, por exemplo, ser mais justo do que corrupto ou mais sádico do que compassivo, mas sempre haverá características opostas.

Isso é uma tentativa de tornar o personagem mais humano, pois é assim que são as pessoas, e quanto mais humano um personagem, mais complexo ele é. Os livros de história, por exemplo, têm a tendência de apresentar personagens lineares, isto é, inteiramente bons ou maus, o que faz eles serem vistos pelo público, como super heróis ou grandes vilões.

3.1.3 Crônica 2- “Barnabé Mendes”

A segunda crônica, intitulada Barnabé Mendes, foi elaborada de forma semelhante à primeira. A informação de que um condenado chamado Barnabé Mendes fugiu da prisão, que ficava na rua da liberdade, tendo deixado um poema para os guardas e para os carcereiros foi transformada em crônica, sendo Barnabé o personagem principal e a poesia o fio condutor.

Uruguaiana tem um histórico de poetas de grande importância para a literatura nacional. O próprio Alceu Wamosy, citado anteriormente, é autor de um dos melhores sonetos já escrito em língua portuguesa, cujo título é “Duas Almas”. Outro autor nascido na cidade é Luiz de Miranda, indicado sete vezes pela PUCRS para concorrer ao Nobel de literatura.

Por isso, foi decidido que este seria o tema que permeia o retrato da vida deste personagem. Outro fator que influenciou na escolha de uma crônica sobre Barnabé foi justamente ele ser um assassino, em contraste com as outras duas crônicas, nas quais os protagonistas são, majoritariamente, pessoas corretas. A poesia, dentro do contexto de vida de Barnabé, mostra as discrepâncias que formam a personalidade de uma pessoa.

A partir dessa definição, a ideia foi usar curiosidades sobre a mudança de nome das ruas no início, e a curiosidade sobre a rua da liberdade e a fuga do presídio de Barnabé no fim, como o elemento que uniria o começo e o fim da narrativa. Para isso, foi feita uma pesquisa na internet sobre os nomes atuais e antigos das ruas do município. Dessa maneira foi descoberto que a música “Recuerdos da 28” foi inspirada por uma rua da cidade que teve seu nome alterado, tal como a rua da liberdade.

Sobre Alceu Wamosy, as informações sobre ele ter lutado e morrido na revolução de 23 foram encontradas na introdução de um livro chamado “Uruguayara sonho e poesia”, organizado pela Câmara Municipal da cidade. Por outro lado, ele ter bebido e abandonado a poesia foi uma “licença poética” irônica, pois, de acordo com esse mesmo livro, ainda durante os conflitos, ele escrevia seus versos. Outra licença poética foi a afirmação que ele consumia bebida alcoólica, pois não há nenhuma informação a respeito disso no livro que serviu como fonte sobre esse autor.

As outras partes da crônica foram interpretações do poema composto por Barnabé (que também está na crônica). Como o poema é composto de quadras, que é a forma mais simples de poesia, é razoável dizer que Barnabé era repentista de galpão. Essa afirmação foi usada tanto para estabelecer uma comparação com Alceu Wamosy, como para dar elementos biográficos ao personagem, para sustentar a afirmação de que ele vivia no ambiente rural.

Sobre o crime, devido ao formato reduzido da crônica, era inviável descrever as razões que levaram Barnabé a matar um homem. Por isso, foram colocados aspectos que levassem os ouvintes a entender que ele não tinha amigos na cidade e estava bêbado em um boteco. Isso não justifica um assassinato, mas o torna possível dentro da narrativa.

As amizades na cadeia estão explícitas no poema composto por Barnabé. O poema foi usado como se fosse a fala do protagonista, um das técnicas oferecidas pelo *storytelling*, para destacar a complexidade do personagem, pois apresenta um homem capaz de matar um semelhante sem nenhuma explicação, mas que, por outro lado, aprecia a amizade acima de tudo.

Além da crítica ao costume brasileiro de rebatizar as ruas com nomes de políticos, mesmo que estes não tenham nenhuma relação com o lugar, prática esta

que contribui para a alienação histórica dos habitantes com o local em que eles vivem, a crônica tem, também, o objetivo de chamar a atenção ao aspecto da produção histórico-cultural, que sempre foi muito forte no município, mas parece estar diminuindo rapidamente.

O conhecimento sobre história da cidade e a produção baseada nesse conhecimento é algo que acontece, de forma majoritária, nas gerações mais velhas dos habitantes locais. Isso fortalece a relação com a cidade, o que é fundamental para seu desenvolvimento e, na opinião do autor deste projeto, merece ser preservado e estimulado.

3.1.4 Crônica 3- “Luiz Bettinelli”

A terceira crônica intitulada “Luiz Bettinelli” foi planejada de modo ligeiramente diferente das outras duas. Em princípio, é importante dizer que Luiz Bettinelli foi uma figura muito relevante na sociedade uruguaiana. Ele era um imigrante italiano, que empreendeu em vários ramos, fez várias ações de caridade e legou diversas obras ao município.

As mais importantes foram citadas na crônica, mesmo que de maneira indireta, mas há outras que não foram, como a Associação Rural de Uruguaiana, conhecida como Pastoril, e a Associação Comercial e Industrial. Um fato interessante é que a imprensa local da época costumava chamá-lo de “campeão do progresso”, e tudo isso motivou e embasou a criação de um personagem inspirado em Bettinelli.

A maioria das informações apuradas sobre a vida deste homem, tais como os empreendimentos, as ações comunitárias, o reconhecimento da população local, foram encontradas no livro “Nossas Estâncias, Nossa Histórias”, incluindo a de que ele morreu no salão de jogos do clube comercial, fato este que é uma das cenas da crônica.

Algumas dúvidas pontuais sobre datas e localizações foram encontradas mediante pesquisa na internet. Assim como aconteceu anteriormente, na crônica sobre Barnabé Mendes, a rua onde se localiza o Clube Comercial mudou de nome, o que exigiu uma pesquisa para saber qual era o nome dela no ano em que se passa a cena de Bettinelli chegando ao clube.

Ademais, a ideia era inserir os aspectos relevantes da vida de Luiz Bettinelli dentro do contexto da cena da morte do protagonista, de forma que o todo formasse uma espécie de biografia. A narrativa foi planejada de maneira linear, isto é, Bettinelli sai de sua casa, no interior do município, rumo ao clube comercial, para socializar com os amigos e disputar algumas partidas de sinuca. Durante a disputa, ele morre.

As ações do personagem dentro desse percurso seriam usadas como “gancho” para inserir as informações apuradas sobre a vida dele. Os cumprimentos de pessoas de diferentes classes sociais, quando ele passava com seu carro, tem o intuito de mostrar como ele era respeitado e querido pela comunidade, algo que é reforçado no final da crônica.

Os amigos dentro da sala dos espelhos, os quais jogam sinuca com o protagonista, servem para ilustrar as obras que ele realizou em Uruguaiana, enquanto empreendedor. A técnica do *side*, outro recurso do *storytelling*, foi usado na cena da caça aos tatus, e serve para a caracterização do personagem, para dar contraste, mesmo que suave, a personalidade dele, ou seja, mostrar que até um grande cidadão tinha os seus defeitos, como não saber perder.

O intuito geral desta crônica era criticar uma espécie de pensamento coletivo que há no município de que o progresso só pode ocorrer quando algum governante toma a iniciativa. Luiz Bottinelli foi um exemplo de que isso pode ser alcançado pelas ações das pessoas.

3.2 Processo de Gravação

Como o produto final desta experimentação são crônicas sonoras, um dos intuitos é, justamente, explorar os recursos que essa linguagem oferece. Algo importante de ser ressaltado, no entanto, é que o autor deste projeto, embora já tivesse realizado alguns trabalhos sonoros durante a graduação, avalia que o seu conhecimento prático seja básico, até mesmo superficial, o que influenciou na qualidade do produto final.

Todavia, algo que a experimentação oferece é a possibilidade de sair da zona de conforto e tentar desenvolver habilidades que ainda não foram desenvolvidas.

Por isso, a decisão de escrever crônicas e explorá-las por meio do som foi tomada e mantida, mesmo após os problemas que se apresentaram durante esta etapa.

As gravações iniciaram no dia 30/06. Em virtude do estúdio da Universidade Federal de Santa Maria estar indisponível, foi necessário improvisar a produção em casa. A primeira tentativa foi feita em um quarto. As janelas e o vão entre a porta e o piso foram isolados com cobertores. Para a locução, foi comprado um microfone de lapela. Os horários de gravação também tiveram que ser “improvisados”, pois havia obras em um prédio vizinho que impossibilitaram que as gravações ocorressem durante o dia.

Por conseguinte, as primeiras tentativas começaram às 23 horas do dia 30/06 e se estenderam até 01 hora da madrugada. A ideia era que cada crônica tivesse menos de dez minutos de duração, mas ocorreram diversos erros na hora da locução e o material bruto resultante foi de cerca de uma hora, somando as três crônicas.

Outro fator foi o texto, pois, embora ele tivesse sido pensado para a linguagem sonora, o comprimento de certas frases e a combinação de certas palavras dificultavam a locução, algo que só foi percebido durante a gravação.

Além disso, o resultado final ficou abaixo do esperado. Mesmo descontando o fato de ter que improvisar um “estúdio” caseiro, a locução ficou com o volume muito baixo, e também havia um resquício de eco, sendo que ambos os problemas não foram solucionados nem com edição.

Outro problema foi a própria locução, que, na primeira tentativa, ficou extremamente caricata. Este fato, possivelmente, se deve a falta de experiência em locução, que resultou em entonações involuntárias em várias partes da gravação. Por isso, foi decidido que as próximas locuções seriam feitas com um tom de voz próximo do normal, simulando uma conversa.

A segunda tentativa ocorreu pouco depois da meia noite do dia 03/07. Além dos textos já alterados, o que incluiu transcrevê-los para um modelo de roteiro audiovisual, que facilitou na hora da leitura. A gravação das crônicas, nesse dia, durou quase uma hora, e o problema do volume baixo e do eco continuaram.

No dia 06/07, ocorreu a terceira tentativa. Para resolver os problemas anteriormente citados, as gravações ocorreram dentro de um guarda-roupa, devido ao isolamento menor. A título de esclarecimento, um dos compartimentos do

guarda-roupa é interísso, ou seja, não há gavetas ou divisórias dentro dele, o que deixava espaço para uma pessoa e mais alguns objetos.

As gravações começaram às 22 horas. O notebook com o texto foi colocado sobre uma mala de viagem para que o locutor não precisasse ficar curvado na hora da leitura, o que poderia prejudicar a locução. Houve melhora. O eco sumiu, mas o som de fundo continuou sendo um problema, desta vez, se assemelhando a um ruído “seco”.

O volume da locução também continuou baixo. A alternativa para solucionar esse problema, foi isolar a parte interior do guarda-roupa, onde estavam ocorrendo as gravações, com cobertores. A haste de madeira que serve de suporte para as camisas foi o que permitiu realizar esse isolamento, e os cobertores formaram uma espécie de cabana dentro do compartimento do guarda-roupa.

Finalmente, o resultado melhorou. O ruído e o eco desapareceram. O único problema persistente era o volume da locução, que continuava baixo, mas foi resolvido no momento em que o microfone de lapela foi substituído por um simples fone de ouvido com microfone. Depois disso, foram feitas as gravações e o resultado final bruto estava, dentro do contexto de improvisações, adequados para serem editados.

3.3 Processo de edição

A edição de todo o material que foi gravado e a própria gravação foram realizadas com o auxílio do programa *Audacity*. De acordo com a página do *software*¹², ele nada mais é do que um editor e gravador de áudio multi-faixa, gratuito e de código aberto, disponível para Windows, macOS, GNU/Linux e outros sistemas operacionais.

O primeiro passo foi selecionar os efeitos sonoros a serem utilizados nas crônicas. Algo a esse respeito já havia sido realizado na etapa de escrita, quando foram feitas marcações que indicavam qual efeito sonoro deveria ser usado e em qual momento. Posteriormente, algumas dessas marcações tiveram que ser alteradas de lugar e em outros casos foi necessário mais marcações.

¹² Disponível em: <https://www.audacityteam.org/>

Entretanto, antes mesmo do processo de elaboração dos textos, já havia sido feita uma pesquisa em canais do *youtube*¹³ que ofereciam dicas de edição de áudio sobre *sites* que disponibilizam efeitos sonoros e como consegui-los. Quando, no entanto, chegou a hora de tentar utilizar realmente esses *sites*, surgiram alguns problemas: o primeiro é que os pacotes de efeitos sonoros disponíveis gratuitamente tem qualidade baixa, o segundo é que, como dito anteriormente, são pacotes, ou seja, não é possível saber se eles contém os efeitos necessários para o projeto. O terceiro problema é que esses pacotes são muito pesados e disponibilizados por tema, sendo que cada pacote temático tem vários *gigabytes*¹⁴ de tamanho, o que comprometeria o desempenho do *notebook* utilizado.

A solução encontrada foi usar o próprio *youtube*. A pesquisa em português não apresentou resultados convincentes, mas em inglês, sim. Praticamente, tudo o que existe no mundo está disponível para a língua inglesa. A vantagem do *youtube* é clara, é possível encontrar especificamente os efeitos desejados, sendo necessário, apenas, convertê-los e baixá-los.

Para isso foi utilizado o *site Y2meta*¹⁵, que permite baixar os vídeos do *youtube*, ou converter esses vídeos diretamente em áudios, o que facilitou bastante o processo. Além disso, este *site* disponibiliza várias opções de qualidade de download que, embora não sejam as melhores do mercado, estão longe de serem as piores. Em seguida, foram criadas três pastas no *notebook*, uma para cada crônica, e, em cada pasta, foram adicionados os efeitos sonoros selecionados para cada uma delas. Esta organização facilitou muito na hora da edição, além de ter agilizado o processo.

O próximo passo foi o processo de edição em si. Não foram captados sons ambientes, pois as crônicas se passam no início do século passado, o que exigiria uma pesquisa histórica à respeito dos sons que constituíam a paisagem sonora da cidade naquela época, e, também, exigiria ter a disposição os objetos que produziam esses sons para poder reproduzir e captar os sons ambiente. Todavia, neste projeto, realizar tal proposta não é possível, tanto por questões econômicas quanto por não saber exatamente quais os objetos constituem a paisagem sonora

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/>

¹⁴De acordo com o dicionário online de português, gigabyte é uma unidade de medida de capacidade de memória que vale 1.000 megabytes.

¹⁵ <https://www.y2meta.com/pt95>

do município naquela época, pois há falta de informações precisas a respeito e uma pesquisa sobre isso seria a proposta de um projeto ainda maior que do este que está sendo proposto.

Após selecionados os efeitos sonoros e as músicas, a primeira tarefa a ser realizada foi o tratamento do áudio de cada crônica, que foi feito utilizando os recursos de redução de ruído, compressor e normalizar. Em seguida, foram removidos os erros de locução, que faziam o áudio ter uma extensão maior do que realmente era.

A seguir, foram adicionados os efeitos sonoros e as músicas. Cada efeito era adicionado em momentos distintos para facilitar a edição. Em alguns trechos das locuções, os efeitos eram adicionados antes ou depois da locução, ao passo que em outros, ao mesmo tempo, como som de fundo, utilizando o recurso auto duck, disponível no *Audacity*.

Também, foi necessário dividir o áudio de cada locução, ora para aumentar as pausas na narração, ora para diminuí-las. Em alguns momentos, isso foi necessário em virtude da própria locução ter sido mais acelerada do que deveria; em outros, foi por causa da adição dos efeitos sonoros, que criaram a necessidade de alteração no ritmo da crônica.

Após essas alterações, o último passo foi reduzir o volume de certos efeitos sonoros, porque alguns estavam consideravelmente mais altos do que a locução, o que deixava a narrativa com trechos muito destoantes entre si. O recurso utilizado para isso foi o efeito amplificador, que, ao contrário do que o nome sugere, também serve para reduzir. Todos os efeitos foram reduzidos com mesmos valores, pois o intuito era que ficassem o mais coeso possível dentro do conjunto.

3.3.1 Edição da crônica “O Sapateiro Italiano”

Na primeira crônica, que fala sobre o sapateiro italiano, inicia-se com o som de uma carroça e dos cascos dos cavalos trotando. Como as carroças eram abundantes nos início do século XX, esse som era uma das marcas do município, e, por isso, importante dentro de uma cena sonora urbana.

Logo depois, foi usada uma música temática italiana como marca da narrativa. A música é uma tentativa de aumentar a afetividade entre a história e o

ouvinte. Quando ocorre mudança no ambiente, a música pára e outros efeitos sonoros ganham vida. Assim, na cena que se passa na casa do protagonista, surge o som dos animais que o sapateiro criava junto com o som das moscas que o lugar atraía. O intuito era oferecer elementos para que o ouvinte pudesse ter uma imersão mais intensa sobre o que estava sendo narrado a partir do estímulo de vários sentidos. Além disso, por mais que a narrativa explique outros fatos, os efeitos sonoros servem também para indicar que estamos no pátio da casa do sapateiro e até quando dura a cena.

Quando os efeitos param, volta a música, indicando que a cena não está onde estava antes. Este é um momento de transição para a cena de benzedura. Quando isso acontece, a música pára novamente, para que o som das preces da benzedeira venham à tona na ambientação do local.

Após um momento em que só se escuta locução, ouve-se novamente o som da carroça e do trote do cavalo, mas, desta vez, sobre a terra. O objetivo era criar um descolamento da cena através do som: a carroça do início da crônica parte de um lugar asfaltado (ruas de paralelepípedo), onde ficava a empresa de saneamento, rumo a regiões mais humildes, como a casa do sapateiro, acessada por uma estrada de chão.

O som do sino, além de anunciar a chegada da carroça, atíça os cavalos. Os relinchos e bufadas dos bichos, além de ambientar a cena, servem para, indiretamente, sugerir a ignorância do sapateiro e dos meninos sobre o problema de saneamento, na hora do diálogo entre ambos.

Quando o sapateiro entra em casa, começam os sons das moscas, indicando a troca de ambiente. Depois, quando ele sai, os sons da mosca param e entra o da carroça indo embora. Por fim, a música tema volta durante o final da narração e só se encerra com fim da crônica.

3.3.2 Edição da crônica “Barnabé Mendes”

Na segunda crônica, inicia-se com o trecho inicial da música “Recuerdos da 28”, que será citada logo em seguida, junto com a locução que apresenta a temática da história. Em seguida, a música é encerrada e entram os efeitos sonoros de um

rádio sendo sintonizado e então desligado. O intuito era criar a transição para o início da narração insinuando que a música estava tocando em um rádio.

Quando o assunto passa a ser Barnabé, começa o som de quero-queros e do vento suave soprando, ambientando o ouvinte com a cena rural em Uruguaiana, onde está o personagem naquele momento da narrativa. Os sons ambientes do campo foram difíceis de adicionar dentro das crônicas, porque o ruído preponderante é o do vento, que sopra de vez em quando. Os animais típicos da região permanecem a maior parte do dia em silêncio, e, por isso, incluir esses sons em um espaço curto de tempo resultaria inverossímil. Por isso, só foi incluído o barulhos dos quero-queros. Já o grito sapucaí, ou a tentativa dele, tem o intuito de fazer a transição do ambiente rural para o urbano de forma humorística, aproveitando o gancho da narrativa.

Quando o personagem está na cidade, são ouvidos os sons que faziam parte da realidade do município naquela época, como o som de pessoas falando, sinos de igreja e carroças. No momento da narração do assassinato, acontece o som do tiro, seguindo de um breve momento de silêncio e, então, pelo som da cela da prisão sendo fechada. Então, segue-se uma música instrumental tocada ao piano, para que, junto com os efeitos anteriores, fosse aumentada a dramaticidade da cena .

No momento da declamação do poema, a música muda para um costado usado por declamadores. A música continua até o final da crônica para reforçar o tema da poesia permeando toda a história.

3.3.3 Edição da crônica “Luiz Bettinelli”

Na terceira crônica, inicia-se com o som do carro do protagonista que dá nome a narrativa. Este som é interrompido por uma música típica do Rio Grande do Sul, uma milonga, no caso, para situar o ouvinte no local. Depois, o efeito de pessoas ovacionando alguém foi adicionado. O intuito era criar a impressão de que isto estava acontecendo no momento em que Bettinelli passava com seu carro, tanto para fortalecer a ideia de que ele era muito importante para a cidade, como para dar movimento à cena.

Quando o carro pára e o protagonista desce do carro e contempla a fachada do edifício, começa o som do ambiente local, isto é, de pessoas conversando e

carroças passando. Então, os sons dos passos indicam que a contemplação do protagonista acabou e que ele se desloca até algum lugar, que é a sala dos espelhos.

Na cena que ocorre dentro da sala dos espelhos, são ouvidos os efeitos sonoros de um jogo de sinuca. Isso acontece imediatamente após os sons dos passos, pois a intenção era, novamente, dar movimento à cena. Nesta parte, ocorre a adição de uma cena alternativa dentro da principal e, por isso, o som do jogo de sinuca é interrompido e a cena continua só com a locução. A ausência de efeitos anteriores também ajudou a intensificar o barulho do disparo, que é o clímax da cena alternativa. Quando o som do jogo de sinuca retorna, isso indica que a cena alternativa já terminou e voltou para a principal.

A cena é interrompida bruscamente pelo som de uma queda. Após um breve silêncio, novamente com intenções dramáticas, o sino da igreja toca, prenunciando a morte do protagonista. Começa, então, a tocar uma música instrumental ao piano, para dar um tom dramático à cena que anuncia a morte e, posteriormente, o impacto dela nos habitantes. A música termina no fim da crônica, instantes depois do fim da locução.

3.4 Publicação e planejamento de divulgação

A seguir, são apresentados a plataforma de hospedagem, a personalização da mesma e os motivos de cada escolha. Depois, a identidade visual do blog que foi criada para divulgação nas redes sociais, mas especificamente, no *Facebook*. Por último, o planejamento de divulgação.

3.4.1 Blogger

O *blogger* oferece serviço totalmente gratuito para quem deseja publicar conteúdo e, também, disponibiliza aos usuários ferramentas que permitem personalizar o ambiente de forma sem ter conhecimento de linguagem de programação, além de ferramentas de gerenciamento. Ademais, o *blogger* oferece a possibilidade de interação com os leitores mediante uma caixa de comentários que fica na parte inferior de cada postagem.

O primeiro passo, depois de escolhida a plataforma, foi escolher as cores e a fonte que seriam usadas no *blog*. Como a intenção era publicar o texto da crônica juntamente com o áudio, era necessário realizar escolhas com o objetivo de facilitar a leitura. Logo, foi escolhido que o texto seria da cor preta sobre o fundo branco. Há um consenso que essa combinação facilita a leitura, pois o branco faz com que a íris do olho se contraia, tornando o conteúdo da tela mais nítido. Telas com fundo preto obrigam a retina a se dilatar para receber mais luz, e isso diminui a precisão do foco do olho.

O segundo passo foi escolher a fonte que seria utilizada nos textos. Nesse sentido, era preciso sempre ter em mente que o ambiente de publicação é o digital, pois há diferenças importantes entre plataformas impressas e digitais: na impressa, a fonte com serifa é usualmente adotada por ser mais fácil de ler em trabalhos impressos. Isso se deve ao fato da serifa distinguir melhor cada letra no papel, facilitando o reconhecimento pelo cérebro; na digital, as fontes sem serifas e as fontes transitórias são a melhor escolha justamente pela ausência de serifa ou serifas mais suaves, que são mais nítidas na web. As fontes serifadas podem ficar borradas na internet, em virtude da resolução das telas ser menor em relação às páginas impressas, o que pode tornar as fontes serifadas ilegíveis.

Por isso, a escolha foi de uma fonte transitória, adequada para a leitura na web e que mantém a atenção no texto e não na fonte, o que pode ocorrer em fontes serifadas com adornos exagerados, ou com fontes sem serifas, as quais os traços muito simples e o aspecto duro podem também se tornar o centro das atenções.

O nome do *blog* “Pequenas Trivialidades” foi escolhido pois simboliza uma característica marcante do gênero, que é a atenção ao que é comum ou até mesmo banal, considerando uma perspectiva jornalística. A ideia foi inspirada no livro “Tremendas Trivialidades”, do autor inglês Gilbert Chesterton.

Como foi dito anteriormente, os textos das crônicas foram postados junto com os áudios. Isso foi decidido por dois motivos: o primeiro, é que o objetivo é dar continuidade ao *blog*, principalmente por meio do formato textual; o segundo, é que, além de ser uma alternativa inclusiva, ela também serve, no caso deste projeto, para efeitos de comparação com a versão sonora.

A postagem foi o último passo de todo o projeto. Como o *Blogger* é, fundamentalmente, uma plataforma voltada para textos, foi necessário adicionar um

player para a adição dos áudios das crônicas. Há várias maneiras de se fazer isso, algumas são mais complicadas e exigem conhecimento de linguagem de programação. No caso deste projeto, entretanto, isso não foi necessário, pois foi utilizado a plataforma *4shared*¹⁶, um serviço de hospedagem e compartilhamento de arquivos, que disponibiliza dentro do site, após upload dos arquivos editados, um *player* que pode ser adicionado no *blog* por intermédio de um *link*. Este *link* deve ser inserido na aba de escrita *html* no momento da postagem da crônica, e é facilmente encontrado dentre as opções de edição do *blogger*.

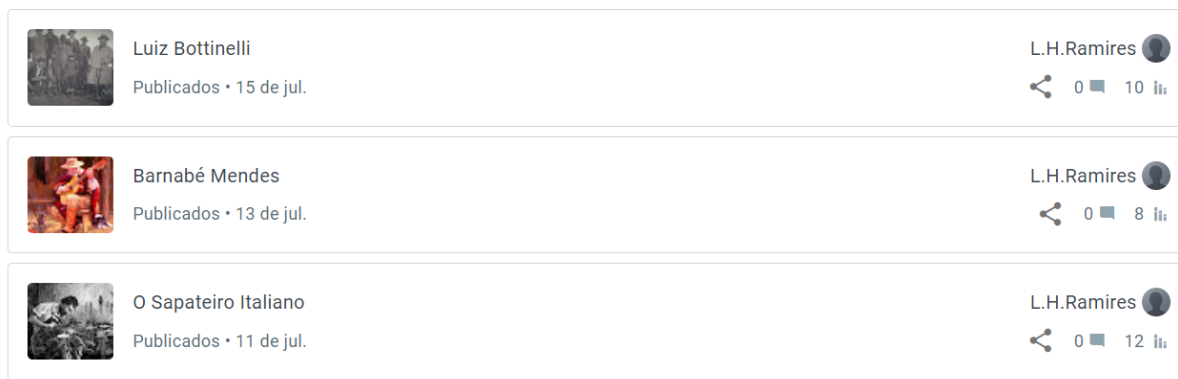
O *player* de áudio foi posicionado na parte superior da postagem de cada crônica, para dar destaque ao aspecto sonoro. Vale salientar que esse *player* demora alguns segundos para carregar, pois é necessário que ocorra a sincronização com o site da *4shared*.

Abaixo do *player*, foi adicionado uma imagem relacionada com o tema da crônica em questão. O objetivo foi meramente estético, pois esta imagem ilustra a postagem na página principal do *blog*. Por fim, os textos das crônicas foram publicados logo abaixo das imagens.

A primeira crônica foi publicada no dia 11/07/2022. A segunda foi no dia 13/07/2022 e a última no dia 15/07/2022. As crônicas tiveram, até o dia 28/07/2022, que foi o último dia antes da divulgação no *Facebook*, 30 visualizações somadas, sendo 12 para a crônica “O Sapateiro Italiano”, 8 para a crônica “Barnabé Mendes” e 10 para a crônica “Luiz Bettinelli”. Não houve comentários em nenhuma das crônicas.

Figura 1 - Contagem de visualizações no Blogger

¹⁶ Disponível em: <https://www.4shared.com/>



Fonte: Print feito pelo autor na página de gerenciamento do blogger

3.4.1 Identidade visual

A identidade visual utilizada no *Facebook* foi criada no *Canva*. De acordo com o portal da empresa, o *Canva* é uma ferramenta *online* que tem a missão de garantir que qualquer pessoa no mundo possa criar qualquer *design* para publicar em qualquer lugar.

As cores escolhidas foram as mesmas do blog, branco, preto e vermelho. O vermelho faz parte do tema de personalização escolhido para o *blogger*, e, por isso, também foi adotado na identidade visual. A imagem de perfil criada para a rede social é composta pelo título do *blog*, "Pequenas Trivialidades", em fonte preta cursiva, sobre o fundo branco. Em vermelho, foi inserido os cantos de um moldura para delinear o título. Abaixo, há os dizeres "crônicas sonoras" em preto e fonte de forma. Embaixo deste, há a figura de microfone de cor vermelha.

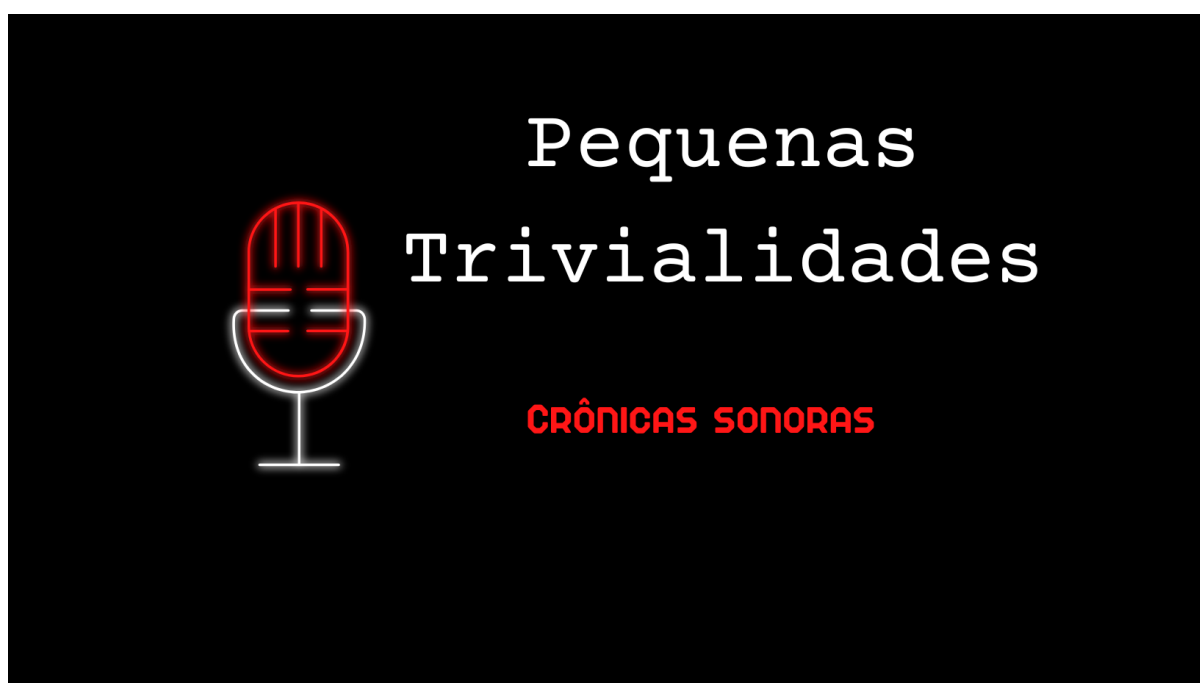
Figura 2- Identidade visual Pequenas Trivialidades



Fonte: elaborado pelo autor

Além da imagem de perfil, também foi criada uma imagem de capa. A cor de fundo é preta. O título “Pequenas Trivialidades” está em branco e fonte de forma. A figura do microfone com suporte está posicionada lateralmente em relação ao título, sendo o microfone da cor branca e o suporte da cor vermelha. Abaixo do título e também com o microfone ao lado, estão os dizeres “crônicas sonoras” em fonte de forma vermelha.

Figura 3- Capa para facebook



Fonte: elaborado pelo autor

As postagens que foram publicadas no Facebook também foram elaboradas no *Canva*. Todas elas têm a mesma identidade visual, com o título na parte superior em fonte preta, circundado por uma moldura retangular de cantos arredondados de cor vermelha. Abaixo do título, vem uma figura que faz referência à crônica em questão. Por último, isto é, abaixo da figura, vem a pergunta-isca. A figura, o degradê de fundo e a fonte utilizada nas perguntas alternam as cores em cada postagem, sendo que estas cores são branco, preto e vermelho.

Figura 3- Ilustração da primeira postagem



Fonte: elaborado pelo autor

3.4.2 Divulgação

A divulgação do conteúdo elaborado no *blog* foi a última parte feita neste projeto, uma vez que era necessário ter o produto para poder divulgá-lo. Por isso, o tempo para publicação não foi o ideal, porque a criação de vínculos com o público e, conseqüentemente, a conversão deste em consumidor do produto é algo que demanda um certo tempo.

De acordo com portal da *rockcontent*¹⁷, quanto maior o número de postagens, maior a chance de cliques. Porém, a tendência é que o engajamento do público diminua a cada post. Por isso, e considerando o número de crônicas produzidas até o momento, foi decidido realizar 1 postagem por dia durante uma semana, e que cada dia seria dedicado a uma das crônicas.

A primeira postagem aconteceu no dia 28/07/2022, às 10:00 horas da manhã, horário recomendado pelo próprio facebook em virtude do maior número de acessos à rede. As outras postagens também foram publicadas nesse horário e seguem o mesmo padrão: o título do *blog* na parte superior, uma figura ilustrativa relacionada à crônica em questão e, por último, uma pergunta que serve como isca para que,

¹⁷ Disponível em: <https://rockcontent.com/>

quem veja a postagem, fique curioso em conhecer o resto da história. Na legenda do post, há um trecho da crônica e também o *link* que redireciona ao *blog*.

Outra estratégia planejada no Facebook foi a divulgação em grupos relacionados que permitam publicação. Planejou-se, então, publicar nestes grupos, a partir do dia 31/07/2022, pelo fato de que, depois deste dia, a página terá posts sobre cada uma das crônicas. Após esse período de postagens, haverá uma análise entre as duas estratégias adotadas para descobrir o que deu certo e o que deve ser alterado, para, assim, planejar as estratégias de divulgação seguintes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de criar um *blog* de crônicas foi algo pensado, pela primeira vez, em 2019, durante a disciplina de jornalismo opinativo. O intuito era ter um espaço para exercitar a escrita em um ambiente que permitisse a apreciação ou depreciação do público, assim como ocorre nos veículos midiáticos. Todavia, os mesmos motivos que fizeram nascer a ideia foram os que a impediram de se concretizar imediatamente e, por isso, o *blog* só nasceu em 2022.

Logo, essa ideia passou a ser o objetivo geral de um projeto experimental. A partir desse momento, algumas modificações foram feitas, como a adoção da linguagem sonora nas crônicas. Foram duas as razões principais que motivaram essa mudança: a primeira é essa linguagem oferece recursos adicionais para a narrativa; a segunda é que seria um novo desafio para o autor deste projeto, que poderia, com esta mudança, sair da própria zona de conforto e tentar desenvolver novas habilidades, uma vez que a linguagem sonora só havia sido exercitada em poucos momentos durante a graduação.

A escolha pela plataforma digital se deu, em primeiro lugar, por ser um meio no qual a crônica se adaptou muito bem, em virtude de suas características expostas no referencial teórico. Outro fator foi a gratuidade, pois, anteriormente, as crônicas eram publicadas em jornais ou em revistas, o que criava a necessidade de comprar o jornal ou a revista para lê-las. O meio digital, nesse sentido, facilitou o acesso do público. Além disso, o fato de poder ser publicada fora dos jornais, deu mais autonomia ao cronista, que não precisa seguir a linha editorial do veículo.

Não obstante, a proposta de produzir crônicas com temas focados em Uruguaiana teve o objetivo de estimular o senso crítico dos leitores/ouvintes uruguaianenses, recorrendo, para isso, à ironia, e, assim, gerar a reflexão sobre problemas, situações e comportamentos que aconteceram e ainda acontecem no município.

Por isso, a ironia foi bastante utilizada nas três crônicas. Pode-se afirmar que o tom geral de todas elas é irônico, e a razão para tal é, justamente, porque a ironia possibilita exercer a crítica de forma condensada, o que é bem útil dentro do formato reduzido do gênero, a exemplo do que fazia Dickens em suas crônicas. Isso acontece porque este recurso exige uma interpretação por parte do leitor ou ouvinte,

que ultrapassa o significado das palavras. Dessa maneira, ou seja, por meio do exercício crítico feito com o recurso da ironia é que vem à tona o jornalismo opinativo neste projeto.

À respeito da linguagem sonora, ela foi escolhida principalmente para potencializar os efeitos sinestésico da narrativa e, junto com o *storytelling*, ajudar a causar sensações no ouvinte. O fato de ela ser mais próxima da linguagem audiovisual exigiu uma adaptação na hora de elaborar o texto, pois este teve que ser pensado como se fosse um roteiro, isto é, pensando no som como um elemento narrativo.

A recriação das cenas sonoras da Uruguaiana do passado, contudo, foi feita de maneira artificial, pois não havia condições financeiras para pesquisar, adquirir e, então, recriar os sons dessa época da maneira mais fidedigna. A alternativa foi usar os sons mais próximos relacionados àquela realidade, e o critério para selecionar estes sons foi a experiência pessoal do autor do projeto sobre cenas semelhantes às narradas, e que também ocorreram em Uruguaiana.

Outro fator observado, foi a possibilidade de um uso alternativo para som dentro da narrativa, a qual poderia ter sido construída preponderantemente com efeitos sonoros, música e silêncio. Isso exigiria um estudo detalhado sobre as possíveis cenas sonoras, uma vez que determinados ambientes, como uma biblioteca, por exemplo, são mais complexos de se narrar apenas com esses elementos, bem como a captação de sons ambientes.

Se essa ideia de recriar paisagens sonoras e, através delas, montar uma crônica fosse aplicada com sucesso ao tema desenvolvido nesta experimentação, por exemplo, ela seria relevante porque valorizaria e ajudaria no desenvolvimento da memória sonora do município, pois como afirma Menezes (2016, p. 112) “grande parte do mundo dos sons, tons e rumores que nos circundam está sujeita a mudanças históricas, sociais e geográficas. Os sons do universo rural, por exemplo, são diferentes dos sons que conhecemos após a revolução industrial, mecânica e eletrônica”. O fator memória valeria tanto para os sons do passado que foram reconstituídos, quanto aos do presente, que estão à mercê de extinção em virtude das mudanças tecnológicas, industriais e sociais. Vale ressaltar que essas possibilidades tornaram-se lúcidas somente durante o processo de produção

O uso de técnicas de *storytelling*, por sua vez, foi relevante porque permitiu a compreensão de algumas possibilidades que podem ser exploradas. As técnicas do *side* e as falas foram aplicadas diretamente nas crônicas: a primeira, com o intuito de inserir na narrativa o outro lado da personalidade do personagem, ou seja, uma característica oposta à principal que era apresentada. Esses fatores, em conjunto, foram uma tentativa para construção de personagens mais humanizados, os quais podem gerar mais identificação no público.

Quanto às falas, elas foram utilizadas como recurso de caracterização dos personagens, mesmo que sutil, pois algo que ficou evidente, durante a elaboração deste projeto, é que a construção do personagem dentro da crônica, ocorre nos momentos sutis, como num gesto, numa fala, ou, como foi o caso em umas das crônicas, num poema.

Portanto, se as crônicas são, em essência, textos que servem para entreter ou para refletir, pode-se dizer que com o uso do *storytelling*, juntamente com a linguagem sonora, a crônica serve para despertar sensações. No entanto, é importante salientar que as falas dos personagens teriam um resultado mais interessante se houvesse outras vozes para fazê-las, pois isso potencializaria a caracterização. Nas crônicas deste projeto, a locução e as falas foram feitas pela mesma pessoa.

Por último, esta experimentação foi importante porque permitiu que aspectos do jornalismo, como a apuração, a crítica, a gravação, a edição e distribuição, e principalmente, o planejamento das atividades fossem explorados de uma maneira alternativa ao modo convencional de produção de notícias. Além disso, o jornalismo trabalha diariamente com a história das pessoas e, por isso, a abordagem dada aos personagens, neste trabalho, pode ser útil, principalmente dentro de um contexto no qual é exigido do jornalista narrativas cada vez mais estimulantes, em virtude da oferta de informação no ambiente digital.

Desse modo, a produção deste projeto experimental revelou-se uma oportunidade de aprendizado tanto sobre a crônica, quanto sobre os diversos campos de atuação de um jornalista e/ou comunicador, como a produção, a edição e a divulgação. Ademais, os problemas enfrentados em cada etapa de produção também serviram para entender que, mesmo com planejamento, a profissão de jornalista exige, cada vez mais, a capacidade de se adaptar aos novos desafios que

surgem, e que quem escolhe esta área deve estar disposto a consertar os erros constantemente, pois eles fazem parte da rotina do profissional.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Suzana. **Identificando remediações e rupturas no uso de bancos de dados no jornalismo digital**. Anais do II SBPJor. Salvador-BA/Brasil, 2004.

Disponível em: <https://facom.ufba.br/jol/pdf/2004_barbosa_remediacoes_rupturas.pdf> Acesso em 28/07/2022

BARROS, Jéssica. **Vidas Sonoras**: reflexões sobre a audiobiografia de Taya Queiroz. Pesquisa e Produção em Linguagem Sonora: Experiências Compartilhadas, p. 25, 2018. Disponíveis em:<https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/34603/1/LIVRO_PesquisaProducaoLinguagem.pdf#page=26> Acesso em: 28/07/2022

BITTENCOURT, Maria Clara Aquino; DEMORI, Leandro. **Produção e circulação de conteúdos no Medium**: um exercício exploratório sobre alcance e aprofundamento para problematizar o jornalismo digital. Parágrafo, v. 5, n. 1, p. 188-197, 2017.

CÂNDIDO, Antônio. **A vida ao rés-do-chão**. In:Para Gostar de ler. Vol. V, Crônicas, São Paulo, Ática, 1989

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar**: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro. 1998.

COSSARI, Paulo Henrique. **O cotidiano representado na crônica jornalística**. Anais do 6º Encontro Celsul-Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul. Santa Catarina, 2004. Disponível em:<http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI/Individuais/O%20COTIDIANO%20REPRESENTADO%20NA%20CR%C3%94NICA%20JORNAL%C3%8DSTICA.pdf> Acesso em: 28/07/2022.

COUTINHO, Afrânio. **Antologia brasileira de literatura**. Rio de Janeiro, Letras e Artes, vol.3, 1967.

DA CUNHA, Karenine Miracelly Rocha; MANTELLO, Paulo Francisco. **Era uma vez a notícia**: Storytelling como técnica de redação de textos jornalísticos. Revista Comunicação Midiática, v. 9, n. 2, p. 56-67, 2014.

DE SOUZA, Júlio Amaral; VAILATI, André Luiz. **Linguagem sonora nos audiovisuais publicitários**: a percepção do som no acesso multiplataforma. Revista de Audiovisual Sala 206, n. 07, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/sala_206/article/view/19259> Acesso em: 27/07/2022

FREIRE, Marcelo; LOPEZ, Debora Cristina. **Linguagem radiofônica e jornalismo**: um estudo das estratégias estéticas das séries de reportagens da Rádio Eldorado. Logos, v. 18, n. 2, 2011. Disponível em:<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/2158>> Acesso em: 28/07/2022.

GARCIA, Luis Eduardo Veloso. **A crônica brasileira e a Internet**: O ontem e o hoje. Trama, v. 16, n. 38, p. 99 108-99 108, 2020.

GOMES, Ana Livia Verona Bernardes et al. **Cinco crônicas de Charles Dickens em Sketches by Boz**: um retrato do cotidiano londrino, no século XIX, através do humor. 2017. Disponível em:<<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/18640>> Acesso em: 28/07/2022

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Aleph, 2015.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo e literatura**: aproximações, recuos e fusões. Anuário Unesco/Metodista de comunicação regional, v. 13, n. 13, p. 145-159, 2009. Disponível em:<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/AUM/article/view/2198>> Acesso em:28/07/2022

LIMA, Edvaldo Pereira. **Storytelling em plataforma impressa e digital**: contribuição potencial do jornalismo literário. Organicom, v. 11, n. 20, p. 118-127, 2014. Disponível em:<<https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/139223>> Acesso em: 28/07/2022

LOPES, Paula. **A crônica (nos jornais)**: O que foi? O que é?. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2010. Disponível em:<<https://repositorio.ual.pt/handle/11144/197>>. Acesso em: 28/07/2022

MAGALHÃES, Anita Cristina Cardoso. **Storytelling como recurso estratégico comunicacional**: Avaliando a natureza das narrativas no contexto das organizações. Belo Horizonte, 2013.

MENEZES, José Eugenio de O. **Cultura do ouvir**: os vínculos sonoros na contemporaneidade. Líbero, n. 21, p. 111-118, 2016. Disponível em:<<https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/610>> Acesso em: 28/07/2022.

MELO, José M.; OPINATIVO, Jornalismo. **Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

PÓLVORA, Hélio. **Graciliano, Machado, Drummond e outros**. Livraria F. Alves Editora, 1975.

REDMOND, William Valentine. **Aspectos da crônica no Brasil**: uma reflexão crítica. Verbo de Minas, v. 9, n. 17, p. 133-142, 2009. Disponível em:<<http://seer.uniacademia.edu.br/index.php/verboDeMinas/article/view/238>> Acesso em: 28/08/2022

REIS, Ana Isabel Crispim Mendes. **Os recursos expressivos da linguagem radiofônica nas cibernotícias das rádios portuguesas**. Rádio-Leituras, v. 3, n. 1, p. 3-25, 2012. Disponível em:<<https://periodicos.ufop.br/radio-leituras/article/view/370>> Acesso 28/07/2022

SIEBERT, Silvânia. **A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura**. Linguagem em (Dis) curso, v. 14, n. 3, p. 675-685, 2014. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/ld/a/8vV4KftbQvYdYgqFw6dGf3N/?format=html&lang=pt>> Acesso em: 28/07/2022

SÁ, J. **A crônica**. São Paulo. Ática S.A, 1987.

SANTANA, Débora Betânia de et al. **Ironia: o tempero da crônica** (estudo de textos cronísticos de Luís Fernando Veríssimo). 2006. Disponível em:<<https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/14795/1/LCL%20-%20Debora%20Betania%20de%20Santana.pdf>> Acesso em: 28/07/2022.

SETOR, DE FILOLOGIA DA FCRB. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

SOENGAS, Xosé. **El discurso radiofónico**. Particularidades de la narración sonora. Prisma. com, n. 1, p. 101-127, 2005. Disponível em:<<https://ojs.letras.up.pt/index.php/prisma.com/article/view/2149>> Acesso em:28/07/2022.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. Summus Editorial, 1986.

SOUZA, Tito Eugênio Santos. **O “Retorno” da Narrativa e a Emergência do Storytelling como Técnica Jornalística**. In: XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste- INTERCOM. 2018. Disponível em:<<https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-0491-1.pdf>> Acesso em: 28/07/2022.

TUZINO, Yolanda Maria Muniz. **Crônica**: uma Intersecção entre o Jornalismo e Literatura. v. 24, p. 08-09, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/RRiQti>> Acesso em:29/07/2022 .

VALLIM, José Renan; SCHOENHERR, Rafael. **Opinião nos Jornais**: uma discussão sobre o jornalismo opinativo atual como construção histórica. In: Anais do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Londrina–PR. 2011. Disponível em:<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/resumos/R25-0933-1.pdf>> Acesso em: 28/07/2022.

VIANA, Luana. **O uso do storytelling no radiojornalismo narrativo**: um debate inicial sobre podcasting. RuMoRes, v. 14, n. 27, p. 286-305, 2020. Disponível em:<<https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/167321>> Acesso em: 28/07/2022.

VERONA, Ana Livia. **As Crônicas em Sketches by Boz**, de Charles Dickens: Um gênero híbrido que retrata o cotidiano através do humor. Revista do SELL, v. 5, n. 2, 2016. Disponível em:<<https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/1359>>Acesso em: 28/07/2022.